

Cíntia Bartolomeu Garcia

Uma abordagem funcionalista das
construções com *mas* e com *embora*



1910001155



CÍNTIA BARTOLOMEU GARCIA

**Uma abordagem funcionalista das construções
com *mas* e com *embora***

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Erolilde Goreti Pezatti.



T.J155/03

São José do Rio Preto

2002



469.0-5
G216a

80201008

CÍNTIA BARTOLOMEU GARCIA

Uma abordagem funcionalista das construções

com *mas* e *embora*

Garcia, Cíntia Bartolomeu.

Uma abordagem funcionalista das construções com *mas* e com *embora* / Cíntia Bartolomeu Garcia. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2002.

86f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Erotilde Goreti Pezatti.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Gramática Funcional. 2. Articulação de orações. 3. Adversativa. 4. Concessiva. I. Pezatti, Erotilde Goreti. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 81'1



AGRADECIMENTOS
COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^ª. Dr^ª. Erotilde Goreti Pezatti (UNESP)– Orientadora

Prof^ª Dr^ª. Cláudia Nívia Roncarati de Souza (UFF)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho (UNESP)

Suplentes

Prof. Dr. Mário Eduardo T. Martelotta (UFRJ)

Prof. Dr. José Horta Nunes (UNESP)



AGRADECIMENTOS

À profª Erotilde G. Pezatti, pela orientação, pelo estímulo em estudar a linguagem e pela amizade.

A minha mãe, pelos conselhos valiosos e pelas palavras de incentivo.

A meu Paulo, pelo apoio veemente e pelo auxílio na elaboração de gráficos e tabelas.

A minha sogra Nilza, pelo amparo em todos os momentos.

À grande amiga Norma B. Novaes, pelo carinho e pelas sugestões pertinentes; aos meus amigos Sandra C. dos Reis e Augusto Tadeu R. do Prado, pelo apoio constante; a Paulo R. Ferrarezi, pelas palavras sob medida.

Aos amigos da pós, especialmente à Gisele, Graciele, Silvia, Ana Maria, Luciana, Wanderli e Fábio, pela convivência.

A todos os professores que, de alguma maneira, auxiliaram no aprimoramento deste estudo, em especial, a Roberto G. Camacho, Sebastião Carlos L. Gonçalves, Marize M. Dall'Aglio Hattner e José Horta Nunes.

A todos os coordenadores, diretores e professores das escolas em que trabalho, pela compreensão.

Aos funcionários da biblioteca, do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários e da seção de Pós-Graduação deste Instituto.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
1.1 Funcionalismo	12
1.2 A articulação de orações	15
1.3 As relações concessiva e adversativa	18
CAPÍTULO II - AS CONSTRUÇÕES ADVERSATIVA E CONCESSIVA NA VISÃO DE SIMON DIK	36
2.1 As construções com <i>mas</i>	39
2.2 Os satélites com <i>embora</i>	43
2.3 A ordem dos constituintes	47
2.4 Funções pragmáticas	48
CAPÍTULO III - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA DE TRABALHO	52
3.1 Constituição do corpus	52
3.2 Metodologia de trabalho	52
CAPÍTULO IV – AS CONSTRUÇÕES COM <i>MAS</i> E COM <i>EMBORA</i>	60
4.1 As construções com <i>mas</i>	60
4.1.1 Tipo de coordenação	60
4.1.2 Relação envolvida	61
4.1.3 Mecanismo de contraposição	62
4.1.4 Escopo da contraposição	64
4.2 Os satélites com <i>embora</i>	65
4.2.1 Nível do satélite	66
4.2.2 Posição do satélite oracional	67
4.2.3 Mecanismo de contraposição	68
4.2.4 Escopo da contraposição	70
CAPÍTULO V – COMPARAÇÃO DAS <i>C-MAS</i> COM AS <i>C-EMBORA</i>	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lei da preferência	32
Figura 2 - Descrição da oração	36
Figura 3 - Tipos de predicação	38
Figura 4 - Comparação do fator mecanismo de contraposição nas <i>c-mas</i> e nas <i>c-embora</i>	78
Figura 5 - Comparação do fator escopo da contraposição nas <i>c-mas</i> e nas <i>c-embora</i>	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Exemplo de estrutura subjacente da oração	36
Tabela 2 - Tipos de entidades referidas pelos termos	43
Tabela 3 - Tipo de coordenação	61
Tabela 4 - Relação envolvida entre os tipos de <i>relata</i> coordenados	61
Tabela 5 - Mecanismos pelos quais se instaura a contraposição entre os tipos de <i>relata</i>	63
Tabela 6 - Ponto de incidência da contraposição	64
Tabela 7 - Posição do satélite oracional com <i>embora</i>	67
Tabela 8 - Mecanismo de contraposição entre o satélite e o segmento subordinado	68
Tabela 9 - Ponto de incidência da contraposição	70

GARCIA, C. B. *Uma abordagem funcionalista das construções com mas e com embora*. São José do Rio Preto, 2002, 86p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

RESUMO

O estudo analisa as construções com *mas* e com *embora*, a partir de ocorrências reais que compõem o corpus mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado, objetivando verificar quais fatores condicionam o seu uso. A análise se apóia na abordagem funcionalista de Dik (1989), que explica o uso de determinada expressão lingüística com base não apenas na sintaxe e na semântica, mas, principalmente, na pragmática. Observa-se que as construções com *mas* e com *embora* apesar, de estabelecerem uma mesma relação semântica, a de contraposição, atendem a propósitos comunicativos específicos. O relator coordenador *mas*, que tem posição fixa entre dois *relata*, ressalta o subsequente. As construções com *mas* apresentam um constituinte *figura*, já que salientam uma informação, contrastando-a com o antecedente; ao mesmo tempo, especificam relações de expansão, negação, oposição e restrição, e assim também caracterizam os constituintes Focos. O relator subordinador *embora* introduz um constituinte satélite, que tem liberdade de colocação na oração, e permite ao falante três estratégias: introduzir uma informação adicional que considera relevante, orientar o ouvinte quanto ao "cenário" em que deve ser interpretada a oração ou focalizar, dar maior destaque ao constituinte, em princípio, opcional. Dessa forma, o falante escolhe uma ou outra construção com base em razões pragmáticas.

Palavras-chave: Gramática funcional, coordenação, subordinação, adversativa, concessiva.

GARCIA, C. B. *A functionalist approach of constructions with mas and with embora*. São José do Rio Preto, 2002, 86p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

This study analyzes constructions with *mas* and with *embora*, from de actual data which compose the corpus of the Projeto da Gramática do Português Falado. The aim of this paper is to verify which factors are responsible for conditioning the usage of those constructions. The analysis is based on Dik's functional approach (1989) that explains the utterance of a determined linguistic expression founded not only on syntax and semantic but, specially, on pragmatics. Although constructions with *mas* and with *embora* establish the same semantic relation, that is contraposition, it is noticeable that such constructions attend to specific communicative purposes. The coordinator relator *mas* which has a fixed position between two *relata* highlight its subsequent relator. Constructions with *mas* present a *foreground* constituent, since they emphasize a piece of information, which is contrasted with the preceding one; simultaneously those constructions specify relations of expansion, negation, opposition and restriction, hence they characterize Focus constituents. The subordinator relator *embora* introduces a satellite constituent which can be allocated on a clause freely; besides that it allows the speaker three strategies: introducing an additional piece of information which he believes to be relevant; guiding the addresser relating to the setting in which must be understood the clause, and focusing, making more salient an optional constituent in principle. Thus the speaker chooses either of those constructions based on pragmatic reasons.

Key-words: Functional Grammar, coordination, subordination, adversative, concessive.



INTRODUÇÃO

1. Justificativa e relevância do tema

Estudar a articulação de orações é instigante não só porque é um fenômeno complexo, mas porque a Gramática Tradicional apresenta uma visão limitada ao observar tão-somente características sintáticas ou mesmo semânticas das orações, não considerando o contexto situacional em que tais orações são produzidas.

A Gramática Tradicional apresenta a oração coordenada adversativa como sendo aquela que estabelece, com outra oração, uma relação de oposição ou de contraste. O conectivo lingüístico que estabelece tal relação é intitulado conjunção coordenativa adversativa. Observamos, porém, que as conjunções subordinativas concessivas se aproximam das adversativas pois parecem indicar essa mesma relação.

O estudo se justifica por apresentar uma visão ampliada sobre a articulação de orações, revendo a classificação coordenação/subordinação, própria da Gramática Tradicional, e por propor uma descrição lingüística adequada a propósitos comunicativos no que se refere ao uso de construções com *mas* e com *embora*.

2. Proposta de trabalho

O estudo se propõe a investigar as construções adversativa e concessiva, especificamente as com *mas* e *embora*, observando as características sintático-semânticas e pragmáticas das construções introduzidas pelos dois relatores, a partir da análise de ocorrências do português falado, sob a perspectiva funcional da linguagem.

O enfoque funcionalista parte do princípio de que a linguagem se define essencialmente como um instrumento de interação social empregado com a finalidade de estabelecer relações de comunicações entre interlocutores reais (Pezatti, 1994). Sendo assim, é interessante verificar o uso que os falantes fazem dos conectores da contrajunção¹, *mas* e *embora*, observando não apenas as regras sintático-semânticas mas também as pragmáticas.

¹ Esse termo, usado por Beaugrande (1980, *apud* Mira Mateus *et al.* 1989), é um tipo de junção de orações em que o curso dos acontecimentos não foi conforme as expectativas de um dado indivíduo sobre o curso previsível ou desejável dos acontecimentos.

Segundo Neves (1984), qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural tem como interesse básico a verificação de como se obtém a comunicação, isto é, como os usuários da língua se comunicam efetivamente.

Optou-se pela abordagem funcionalista de Simon Dik, que considera a gramática funcional uma teoria que integra os componentes e explica o uso de determinada expressão lingüística baseando-se não apenas na sintaxe e na semântica mas nas regras que governam os modelos de interação verbal em que a expressão foi usada (Dik, 1989).

Trataremos apenas das ocorrências em que esses conectores são efetivamente relatores, ou seja, estabelecem ligação entre orações ou parte de orações e não entre porções discursivas ou turnos conversacionais.

O falante dispõe de instrumentos gramaticais variados para produzir seu texto de acordo com a direção que quer dar ao seu discurso. No caso de uma relação contrajuntiva, ele dispõe de *mas* e *embora* que, semanticamente, estabelecem relação de contraposição, no entanto escolhe uma entre as duas formas possíveis.

3. Hipótese de trabalho

Considerando, sob a perspectiva funcionalista, que os falantes atribuem às expressões lingüísticas a forma que melhor estabelece a mediação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte e que as construções com *mas* e com *embora* semanticamente estabelecem a mesma relação, propomo-nos, neste estudo, verificar se a diferença formal existente entre essas duas construções se deve a razões pragmáticas.

Nossa hipótese é que fatores pragmáticos influenciam a escolha de uma ou outra construção. Sendo assim, cabe investigar, neste estudo, as razões pragmáticas relevantes no uso das construções com *mas* e com *embora*.

4. Organização geral do trabalho

Quanto à organização do trabalho, o primeiro capítulo apresentará os princípios da teoria que norteará o estudo, a abordagem funcionalista, nos moldes de Simon Dik.

Posteriormente apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre a articulação de orações, partindo-se da gramática tradicional, passando para outras perspectivas lingüísticas. Em



seguida, são abordadas visões funcionalistas das relações adversativa e concessivas e, em separado, o ponto de vista um tanto quanto inovador de Simon Dik.

O capítulo IV contém a análise quantitativa dos dados, apontando as porcentagens relativas a cada fator investigado nas ocorrências com *embora* e *mas* bem como a pertinência de cada um.

No capítulo V, são discutidos os resultados obtidos, comparando-se as construções em resposta às perguntas feitas durante a trajetória da investigação.

Finalizam o trabalho as considerações finais, apontando uma discussão geral dos resultados obtidos em relação ao que foi proposto inicialmente.



CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Funcionalismo

Quando se pretende delimitar a linguagem como objeto de estudo, é importante observar, principalmente, duas orientações propostas por Bakhtin (1994): o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista.

De acordo com o objetivismo abstrato, a língua é um sistema estável, imutável, regido por leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüísticos no interior de um sistema fechado. Essas leis são objetivas relativamente a toda consciência subjetiva. "As ligações lingüísticas específicas não se relacionam com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros)" (Bakhtin, 1994, p.83).

Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, variações casuais ou mesmo "deformações das formas normativas". Bakhtin condena essa orientação, afinal são justamente esses atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua.

Já o subjetivismo idealista toma como fundamento da língua o ato de fala, de criação individual; o psiquismo individual é a fonte da língua; as leis da criação lingüística são as leis da psicologia individual, as quais devem ser estudadas pelos lingüistas e pelos filósofos da linguagem.

Bakhtin aponta que o locutor não usa a língua como um sistema de formas normativas, mas serve-se dela para suas necessidades concretas, ou seja, para o locutor, a construção da língua está relacionada com o sentido da enunciação da fala. "O que importa é aquilo que permite que a forma lingüística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada" (Bakhtin, 1994, p.92).

O uso de certa expressão será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata (Bakhtin, 1994).

Assim, a teoria do subjetivismo individualista também deve ser rejeitada. Ao se falar em enunciação é imprescindível levar em conta a interação verbal, o meio social em que se insere o falante.



Por um lado, o subjetivismo tem razão ao afirmar que enunciações isoladas constituem a substância real da língua e têm a função criativa na língua, por outro, falha quando ignora e não compreende a natureza social da enunciação.

Bakhtin (1994) tem convicção de que a interação verbal constitua a realidade fundamental da língua. É interessante relacionar a proposta do funcionalismo, enfoque deste estudo, com a idéia de Bakhtin que postula ser importante para “a consciência subjetiva do locutor não a forma lingüística, enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas a forma lingüística enquanto signo variável e flexível” (Bakhtin, 1994, p.93), característica que lhe permite figurar num dado contexto e que o torna adequado às condições do contexto situacional, seja do ponto de vista fonológico, morfossintático ou semântico. Basicamente o que Bakhtin propõe como sendo o mais importante para a análise lingüística condiz com a teoria funcionalista, no que se refere à interação verbal.

É sabido que a teoria funcionalista possui abordagens diferentes segundo a posição teórica de cada pesquisador, mas há um denominador comum que pode ser detectado a partir das proposições existentes.

Convém atentar para o pensamento básico proposto por Martinet (1978, *apud* Neves, 1994) que aponta como o objeto da verdadeira lingüística a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua.

Segundo Neves (1994), qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural tem como interesse básico a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, como os usuários da língua se comunicam eficientemente.

De acordo com o funcionalismo, as estruturas das expressões lingüísticas são configurações de funções, sendo que cada função tem uma significação na oração.

Halliday (1978) apresenta uma proposta sobre a tipologia de funções da linguagem que pode ser resumida em três: função ideacional, interpessoal e textual. É por meio da função ideacional que o falante e o ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência. A função interpessoal está relacionada com o fato de o falante usar a linguagem como um meio de participar do evento da fala, estabelecendo com o falante relações pessoais e sociais. A função textual está relacionada com a produção, criação do texto, com a organização interna do mesmo e da sua relação com o contexto.

Como afirma Neves, a gramática funcional tem como hipótese fundamental:

... a existência de uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática). Ela explica as regularidades da língua, em que circunstâncias as pessoas usam a língua (Neves, 1994, p.112).

A gramática funcional é uma teoria geral de organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social.

Segundo a teoria funcionalista, a descrição completa de uma língua precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto social, dentro da situação de interação determinada socioculturalmente.

Dik (1989) afirma que, no paradigma funcional, a língua é concebida como um instrumento de interação social entre os humanos, sendo usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas. Essa interação é a prática de uma atividade cooperativa estruturada, afinal é administrada por regras, papéis e convenções. Nas palavras de Dik²:

Dentro da interação verbal, os participantes se valem de certos instrumentos que, no sentido geral do termo, nós chamamos de expressões lingüísticas. Essas expressões são entidades estruturadas, ou seja, são administradas por regras e princípios que determinam sua organização. [De acordo com a abordagem funcionalista], (...) as expressões lingüísticas podem ser descritas e explicadas em termos de estruturas de um quadro geral providas pelo sistema pragmático de interação verbal. (Dik, 1989, p.3)

A gramática funcional considera a competência comunicativa, ou seja, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira eficaz.

Para Dik, o funcionalismo distingue o sistema e o uso da língua. Porém, forma e função não são tratados de maneira independente. "A expressão lingüística é mediadora da relação entre a intenção do destinador e a interpretação do destinatário" (Dik, 1989, p.8).

Assim, a expressão lingüística é função da intenção do falante, da sua informação pragmática e da idéia antecipada que ele faz da interpretação do ouvinte. Uma teoria da linguagem deve tentar explicar as regras e princípios, observando a maneira como são utilizadas.

Ao questionar a relação entre pragmática, semântica e sintaxe, Dik (1989) propõe que a pragmática é uma estrutura dentro da qual a semântica e a sintaxe podem ser estudadas. Observa-se, então, que a gramática funcional é uma teoria que propõe a integração dos

² Within verbal interaction, the participants avail themselves of certain instruments which, in a general sense of the term, we shall call *linguistic expressions*. These expressions themselves are again structured entities, i.e. they are governed by rules and principles which determine their build-up. (...) linguistic expressions should be describe and explained in terms of the general framework provided by the pragmatic system of verbal interaction. (Dik, 1989, p.3)

componentes sintático, semântico e pragmático. Privilegia-se, nesta dissertação, o ponto de vista funcionalista por ser uma abordagem abrangente, não se restringir apenas a critérios sintático ou semântico, mas considerar, também, o pragmático.

No modelo dado por Dik, a estrutura subjacente da oração é formada por camadas ou níveis. Os itens lexicais de uma língua têm de ser analisados dentro da predicação que é formada por um predicado semanticamente interpretado como designador de propriedades ou de relações. Diferentes categorias de predicados se distinguem, de acordo com suas propriedades formais e funcionais. Para a construção de predicações são utilizados, pelo menos, um conjunto de estruturas de predicado e um conjunto de termos, como será explicitado posteriormente (capítulo 2).

A relação entre uma gramática e a semântica é de interpretação: os enunciados interpretam ou codificam o significado, e são, por sua vez, interpretados pelo som ou pela escrita. O significado é codificado pelo todo.

O objetivo da gramática funcional será, então, revelar, pelo estudo das seqüências linguísticas, os significados que estão codificados por essas seqüências.

1.2 A articulação de orações

A linguagem pode ser estudada, como se viu, a partir de três dimensões: sintática, semântica e pragmática. É importante observar a articulação de orações de acordo com essas três dimensões e verificar as implicações que cada ponto de vista traz.

A Gramática Tradicional trata a articulação de orações de maneira insuficiente, por se basear apenas na estrutura sintática, como é o caso da diferenciação entre subordinação e coordenação.

Para Bechara (1977), a subordinação ou **hipotaxe** é a construção sintática em que uma oração subordinada funciona como termo de outra (substantivo, adjetivo ou advérbio), sendo, portanto, classificada como substantiva, adjetiva e adverbial. As orações subordinadas adverbiais são aquelas que funcionam como adjuntos adverbiais e são nomeadas de acordo com as circunstâncias que expressam (causa, condição, concessão, etc). A coordenação ou **parataxe** caracteriza-se por conter orações independentes que formam uma seqüência.

De acordo com Cunha, no período composto por coordenação as orações são autônomas, independentes, têm sentido próprio e além disso “não funcionam como termos de outra oração e nem a eles se referem: apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a

totalidade da outra” (Cunha, 1985, p.578). No período composto por subordinação a oração subordinada não tem autonomia gramatical, funciona como termo de outra oração (oração principal).

Os gramáticos acima descrevem a hipotaxe e parataxe com base na dependência/independência sintática, já Carone (1991) as trata, baseando-se em critérios sintático-semânticos. A autora, inicialmente, aponta que a subordinação e a coordenação não estão apenas relacionadas ao período composto. Quando as palavras se organizam para formar sintagmas e estes se articulam para formar oração, fazem-no devido à conexão sintática, princípio organizador da frase – que vem a ser a própria subordinação.

Martinet (1967, *apud* Carone, 1991) afirma que há coordenação quando a função do elemento acrescentado é idêntica à de um elemento preexistente no mesmo quadro, de tal maneira que seria possível recuperar a estrutura do enunciado primitivo se fosse retirado o elemento acrescentado (e a marca de coordenação). No exemplo *Ele vende e compra móveis*, o elemento acrescentado *compra* tem a mesma função que *vende* e mantém as mesmas relações com os outros elementos do enunciado.

A partir disso, Carone (1991) infere que a coordenação nasce do eixo paradigmático, já que todos os membros de um paradigma poderiam, hipoteticamente, comutar com aquele que está presente em um ponto da cadeia sintagmática. A autora aponta como características da coordenação: a) os elementos coordenados têm a mesma função sintática; b) os elementos coordenados pertencem a um mesmo paradigma; c) a coordenação forma seqüências abertas, não sintagmas; d) coordenam-se tanto orações como termos de uma oração. Ressalva-se, entretanto, que só as orações aditivas e alternativas formam seqüências aberta, as outras (adversativa, conclusivas e explicativas) não apresentam tal característica.

Carone (1991) critica o fato de a Gramática Tradicional se limitar a organizar as conjunções coordenativas, por exemplo, de acordo com valores lógico-semântico e a fornecer um exemplário de ocorrências. Para ela, é freqüente o pensamento de que a subordinação estabelece relações gramaticais entre as orações e a coordenação, relações lógicas. A autora contesta dizendo que a relação lógica de causa e efeito, por exemplo, tem sua expressão mais óbvia em estruturas de subordinação. As relações lógicas não são um privilégio da coordenação, visto que é possível encontrá-las em estruturas de subordinação. “Embora a língua seja capaz de exprimir relações lógicas, não são elas que determinam e definem as estruturas lingüísticas” (Carone, 1991, p.46).



Quanto à dependência ou independência, elas podem ocorrer não apenas no nível sintático. Percebe-se, por exemplo, que a oração coordenada não é semanticamente independente, afinal, precisa de outra oração para ter um sentido total.

Garcia (1969) propõe uma investigação da articulação de orações sob o ponto de vista semântico ao apontar a existência de uma falsa coordenação. Não há, para ele, uma independência semântica entre as duas orações, há uma coordenação gramatical e uma “subordinação psicológica”. É o que se vê no exemplo *O Brasil é um país de grandes riquezas, mas o padrão de vida de seu povo é um dos mais baixos do mundo*. A idéia de o padrão de vida do povo brasileiro ser um dos mais baixos do mundo contraria a idéia de o Brasil ser um país de riquezas. É possível perceber a estreita relação mantida entre as duas orações.

Souza e Silva & Koch (1989), ao abordarem a coordenação de orações, falam da independência estrutural, isto é, uma oração não desempenha função sintática dentro de outra pelo fato de não ocorrer encaixe de uma no lugar de um dos termos da outra. Apesar desta independência, salientam ainda que as orações coordenadas estão interrelacionadas semanticamente, afinal, o falante combina duas ou mais orações com a finalidade de estabelecer um tipo de relação significativa. É difícil dizer que a estrutura da oração está desvinculada da relação que se quer transmitir.

Outros estudiosos levam em consideração, além de critérios sintático-semânticos, os pragmáticos.

Para Neves (1996), é interessante observar que o estudo da articulação de orações, de acordo com a abordagem funcionalista, valoriza a participação do falante que, ao organizar o enunciado, expressa determinadas relações.

Nessa mesma linha de raciocínio está Koch (1984) que acredita ser importante lançar mão de situações concretas para encontrar diferenças e semelhanças entre coordenação e subordinação, afinal são adotados pela gramática tradicional apenas critérios formais no estabelecimento da dependência entre as orações. Koch (1984) acha importante, ainda, utilizar também os componentes semânticos e pragmáticos para explicar o funcionamento dessas construções, e mostra que orações sintaticamente independentes podem ter uma dependência pragmática, como no seguinte exemplo: *Não fui à festa do seu aniversário: não me convidaram*.

Tradicionalmente este período consta de duas orações independentes, entretanto o que se vê é que a segunda oração é a justificativa da primeira e está subordinada à primeira pragmaticamente.

Como o presente estudo trata especificamente das orações com *mas* e *embora*, é preciso observar, antes, como esses dois tipos de oração são tratados pela literatura para, posteriormente compará-los.

1.3 As relações adversativa e concessiva

A Gramática Tradicional, ao abordar as orações adversativas e concessivas, não trata da proximidade lógico-semântica entre elas e as diferencia apenas quanto ao estatuto sintático, classificando os dois tipos de oração em oração coordenada sindética adversativa e subordinada adverbial concessiva, respectivamente. Alguns gramáticos tradicionais adotam critérios semânticos para definir os dois tipos de orações.

Para Bechara (1977), as orações subordinadas adverbiais são aquelas que funcionam como adjuntos adverbiais e são nomeadas de acordo com as circunstâncias que expressam (causa, condição, concessão, etc). As orações concessivas servem de obstáculo, que não impedirá a declaração da oração principal.

Outra noção semântica que uma construção concessiva apresenta é a de contrariedade a uma expectativa. Said Ali (1964) afirma que a oração concessiva apresenta um fato que, contrariando a realização do fato principal, deixa de produzir o efeito esperado.

Cunha (1985) mostra que as adversativas exprimem idéia de contraste e as concessivas indicam a admissão de um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la.

Parece faltarem critérios que precisem as noções como “fatos opostos” ou “fatos incapazes de impedir a realização de um outro”, ou ainda “idéia de contraste, de compensação”.

O interessante é que Cunha (1985), apesar de ter uma abordagem tradicional, apresenta outros valores que a conjunção adversativa *mas* assume, tais como, o de restrição, de retificação, de atenuação e mesmo valores discursivos, como o de mudança da sequência de um assunto e o de retomar o enunciado anterior.

Uma abordagem interessante é a dada por Barbosa (1881), que classifica as conjunções em homólogas ou similares, as que ligam as proposições que estão “na mesma

razão umas para as outras” e anhomólogas ou dissimilares, as que ligam orações que estão relacionadas com outras por razões diferentes. Fazem parte das homólogas: as copulativas (*e, nem, também*), as disjuntivas (*ou, quer...quer, ora...ora*), as explicativas (*como, isto é, certo que*) e as continuativas (*além disto, pois, assim mesmo*). São anhomólogas as adversativas (*mas, porém, senão, inda que, bem que*), as condicionais (*se, senão, salvo se...*), as causais (*como, porquanto, porque, pois*), as conclusivas (*pois, por tanto, em fim, logo*), as circunstanciais (*quando, tanto que, quanto, como, como quer que*) e as subjuntivas (*que, com que...* - equivalem às adjetivas e substantivas).

Barbosa, já em 1881, não separa as orações sob o rótulo de coordenação e subordinação, mas segue o valor que elas desempenham uma em relação a outra; além disso, coloca no mesmo patamar, as adversativas e as locuções conjuntivas que são hoje consideradas concessivas (*ainda que, se bem que...*).

Segundo Zamproneo (1998), gramáticos de séculos anteriores tais como Priscianus (500 D.C.), Linacre (1523), Despauterius (1532), Prateolus (1561), englobavam *embora* e *apesar de* na categoria adversativa.

Mira Mateus *et al.* (1989) abordam as construções adversativas e concessivas ao tratarem, na coesão interfrásica, da contrajunção ou junção contrastiva, um tipo de junção em que o curso dos acontecimentos não ocorreu conforme as expectativas de um dado indivíduo sobre o curso previsível ou desejável dos acontecimentos, como pode ser observada nos exemplos (1) e (2) abaixo.

- (1) Todos os passageiros do avião morreram, **mas** o piloto escapou ileso.
- (2) **Embora** não esteja com pachorra para os aturar, eles vêm cá jantar esta noite.

Em (1), a primeira oração (*todos os passageiros do avião morreram*) implicaria a negação da segunda, de acordo com o conhecimento do que costuma ser o curso normal dos acontecimentos no mundo, no entanto, observa-se que a situação exposta na segunda oração contrasta com aquilo que se sabe ser o curso normal dos acontecimentos; em (2), o conteúdo da primeira oração mostra que o conteúdo da segunda oração não é desejado pelo locutor; nesse caso, a contrajunção exprime que o curso dos acontecimentos não correspondeu às expectativas do falante.

Mira Mateus *et al.* (1989) subdividem, no entanto, as construções contrastivas em construções de coordenação e de subordinação, e acreditam, no entanto, que as construções concessivas e as com *mas* podem ter sentidos muito próximos: *mas* entra em enunciados

factuais (reais, possíveis), como (3), enquanto conectores "concessivos" entram em enunciados factuais (reais), como (4), hipotéticos, como (5) e contrafactuais (irreais), como (6):

- (3) Não me apetecia nada cozinhar, mas eles acabaram por jantar cá em casa.
- (4) Embora esteja muito calor, está a chover.
- (5) Mesmo que chova, nós iremos sair.
- (6) Mesmo que ele tivesse chegado a tempo, não teria visto o espetáculo.

As construção contrastiva *mas eles acabaram por jantar cá em casa* (em 3) exprime um fato real que contrasta com a expectativa do falante. A oração concessiva *embora esteja muito calor* também se figura com factual por também ser real, diferentemente de (5) e (6). A concessiva em (5), *mesmo que chova*, aponta para um fato possível, hipotético, já a concessiva em (6), *mesmo que ele tivesse chegado a tempo* manifesta um fato irreal

É importante verificar que o tratamento dado por Mira Mateus *et al* (1989) às construções concessivas e adversativas é o de aproximar as duas construções com base, principalmente, em fatores semânticos.

Segundo Neves (1984), *mas* basicamente expressa a relação entre os dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é externo ao outro (coordenado) mas, ainda é, marcadamente, diferente do outro.

O emprego de *mas* entre esses segmentos representa a explicitação dessa desigualdade, indicando que o enunciador a reconhece e se utiliza dela na organização de seu enunciado, tanto na distribuição das unidades de informação como na estruturação da argumentação.

É difícil precisar a fronteira que separa as conjunções adversativas das concessivas quando a atenção estiver voltada apenas para a variação de significados que elas tomam de acordo com o que o falante quer imprimir em seu discurso.

Neves (1984) mostrou que, examinando-se as implicações semânticas existentes entre os segmentos coordenados por *mas*, pode-se perceber a variação de sentido que vai de uma desigualdade pouco caracterizada, para o contraste, a contrariedade, e se chega à oposição, à negação, à anulação, à rejeição.

O registro das dissemelhanças só pode assentar-se na base das semelhanças, o eixo capaz de prover fundamento para o estabelecimento de diferenciações. Aparece, portanto, como outro traço característico da relação "adversativa" o reconhecimento de uma entidade, para posterior registro de sua desconsideração, negação, anulação, rejeição. (Neves, 1984, p.23)

De acordo com Neves (1984), a bipartição das noções expressas pelo coordenador adversativo em **contrastiva** e **concessiva**, comumente feita, coloca em oposição duas categorias de ordem diferente. A questão do contraste se refere à diversidade que realmente *mas* evidencia; diversidade que tem o contraste como um de seus graus. A questão da concessão se refere a uma admissão (real ou retórica) que precede a expressão da diversidade, e que, também, tem a concessão como um de seus graus.

Mostrando a gradação do uso de *mas*, Neves (1984) propõe uma bipartição de enunciados do tipo *p mas q* (*p* e *q* não são entidades lógicas, mas designam as frases coordenadas) segundo esteja ou não implicado que a existência de *q* elimina *p*. Ela dividiu os grupos em: I Contraposição (*q* não elimina *p*) e II Eliminação (*q* elimina *p*).

- (7) (...) Em geral costumavam elas ter as suas quatro ou cinco cabeças de galinha, o que lhes dava algum rendimento. **Mas** na casa de Salur a coisa ia de mal a pior.

No exemplo (7), a contraposição entre os períodos *Em geral costumavam elas ter as suas quatro ou cinco cabeças de galinha, o que lhes dava algum rendimento* e *na casa de Salur a coisa ia de mal a pior*, mostra que a oração iniciada por *mas* não elimina a anterior. A ocorrência (8), por sua vez, é um exemplo em que a construção com *mas* (*q*) elimina a anterior (*p*).

- (8) (...) E então, muito estimulado pelo aplauso, ele sungou o cinturão preparando-se para dar uma resposta engraçada ou para mover-se. **Mas** não disse nada e continuou parado.

A partir da bipartição em grupo de eliminação e de contraposição, verifica-se, como dito acima, que *mas* estabelece valores semânticos específicos. Em (9), é importante verificar que o valor semântico estabelecido por *mas* é o de negação, visto que a oração coordenada elimina a oração anterior. Já em (10) a contraposição indica ainda restrição, uma vez que Fifinho ficaria sozinho por pouco tempo.

- (9) Se ao menos Conrado tivesse aparecido... Tão bom ele era, tão delicado, (...) **Mas** Conrado estava sempre tão longe!
 (10) Dr. Fifinho ficou só, embalado pelo ronronar do aparelho de ar condicionado. **Mas** foi por pouco tempo (...)

(11) exemplifica a relação de oposição por meio do contraste entre os advérbios *bem* e *mal*, ao passo que, em (12), a contraposição exprime diferença de grau entre os enunciados coordenados, ou seja, a possibilidade de expansão do segmento coordenado.

(11) Vou bem. **Mas** você vai mal.

(12) O senhor é o senhor mesmo, podia ser um louco.

O catálogo não disse o contrário.

Mas já é uma garantia.

Segundo Grevisse (1980, *apud* Lima, 1987), a coordenação adversativa indica a oposição entre dois fatos e a mesma idéia de oposição pode ser manifestada pelas orações subordinadas concessivas. Dubois e Jouanon (1956, *apud* Lima, 1987) conceituam a subordinada concessiva como uma oração indicando o fato que poderia se opor à realização do fato expresso na oração principal.

Outros estudos de base semântico-pragmática apontam a proximidade das concessivas com outros tipos de oração, como se observa abaixo.

Rivas (1989), ao trabalhar com as orações concessivas, afirma que, mesmo da perspectiva tradicional, elas são comparadas às condicionais. A autora mostra que a oração concessiva expressa uma objeção ou dificuldade para o cumprimento da idéia da oração principal, sem, porém, impedir sua realização. Observando o exemplo dado, *Aunque llueva saldré* (Embora chova, sairei), a autora afirma que a ineficácia de *aunque llueva* é atribuída ao princípio de que chover implica não sair.

Rivarola (1976, *apud* Rivas 1989) afirma que a relação concessiva entre as frases contraria uma relação pressuposta de uma e a negação de outra como em:

(13) Erasmo sai embora esteja doente³.

Relação pressuposta ⇒ Quando está doente, Erasmo normalmente não sai.

Relação concessiva ⇒ Erasmo saiu embora estivesse doente.

Em (13) a relação concessiva entre *Erasmo sai* e *embora estivesse doente* contraria a representação do que está pressuposto, *se ele está doente, não sai*.

Observando o exemplo (14),

(14) a) Mesmo que brinque com fogo, não se queima.

b) Normalmente, quando alguém brinca com fogo, se queima.⁴

³ (13) *Erasmo sale aunque está enfermo.*

⁴ (14) a) *Aunque juega com fuego, no se quema.*

b) *Normalmente, cuando alguien juega com fuego, se quema.* (Rivas, 1989, p.240)

percebe-se uma oposição entre os valores q (*não se queima*) e q' (*se queima*) do segundo membro de (14a) e (14b). Segundo Rivas (1989), o fator que identifica como concessiva a fórmula *Embora p, q* e a distingue de outras relações não é a implicação entre o primeiro membro e a negação do segundo, mas a pressuposição (14b).

As condicionais, por exemplo, não apresentam o caráter pressuposicional como as concessivas e as adversativas. Os exemplos (15) e (16) apresentam, respectivamente, uma idéia condicional e outra concessiva.

(15) Se está livre às oito, iremos ao concerto.

(16) Se antes não se entendiam, agora são muito amigos.⁵

Pode-se interpretar o exemplo (15) a partir de uma relação implicativa entre a situação expressa na **prótase** e uma situação contrária que aparece na **apódose** (Rivas, 1989). Em (16), há concessividade, apesar da aparência condicional, pois a relação expressa contraria a relação implicativa.

Rivas (1989) critica a gramática tradicional por apontar apenas um parentesco lógico entre as concessivas e adversativas, afinal o período concessivo, assim como as coordenadas adversativas, opõe dois juízos contrários, como se vê nos exemplos (17) e (18), e por diferenciá-las com base em critérios sintáticos:

(17) Você me ofendeu profundamente, mas saberei perdoá-lo (Adversativa)

(18) Mesmo que me tenha ofendido profundamente, saberei perdoá-lo (Concessiva)⁶

Moeschler e Spengler (1981) propõem uma diferença entre a concessão lógica (concessiva) e a concessão argumentativa (adversativa). A concessão lógica leva em conta mais os fatos dos conteúdos do que os fatos de discurso e além disso é associada a um tipo de discurso que se dá como demonstrativo (baseado na prova), diz respeito a fatos do mundo real. A concessão argumentativa abrange os fatos do discurso, ou seja, o significado do conteúdo não pode ser apreendido de maneira denotativa, mas deve ser descrito em relação a um contexto e associado a um tipo de discurso que se dá como argumentativo (baseado no argumento), diz respeito a fatos do discurso.

⁵ (15) *Si está libre a los ocho, iremos al concierto.*

(16) *Si antes no se entendían, ahora son muy amigos.* (Rivas, 1989, p.240)

⁶ (17) *Me ha ofendido profundamente, pero sabré perdonarle.*

(18) *Aunque me ha ofendido profundamente, sabré perdonarle* (Rivas, 1989, p.243).

Moeschler e Spengler (1981, *apud* Rivas, 1989) afirmam que a distinção entre concessão e adversidade se dá no nível extradiscursivo, no plano do discurso.

Rivas (1989) acredita que a qualidade denotativa proposta Moeschler e Spengler como sendo própria apenas da concessão lógica (concessiva) é fator comum das concessivas e adversativas e acrescenta que os dois tipos de estruturas linguísticas, são dois modos de apresentação do discurso. A diferença dos exemplos abaixo se localiza nas expectativas:

(19) a) Mesmo que brinque com fogo, não se queima.

b) Brinca com fogo, se queima.

(20) a) Brinca com fogo, mas não se queima.

b) Brinca com fogo, se queima.

A relação entre os membros de uma formulação *p, mas q* (como 20a) é menos forte que a concessiva e pode ser identificada com a não-compatibilidade ou não-equivalência estabelecida entre o primeiro de seus membros e a negação do segundo, em contraposição a uma expectativa de compatibilidade como em (20b).

No plano do conteúdo, a relação de não-compatibilidade (adversativa) é menos forte do que a de não-implicação. Entretanto a implicação pode abarcar a não-compatibilidade (pois um elemento implicador e um implicado são compatíveis). A adversativa não abarca a não-implicação.

O significado de (20a) é adversativo porque o falante concebe a relação pressuposicional em função da compatibilidade entre os membros; o significado de (19a) é concessivo devido ao fato de a relação pressuposicional ser concebida em função da implicação de seus membros.

Rivas (1989) afirma que os valores relacionais apontam as diferenças entre concessivas e adversativas e que constituem o único dado pertinente para uma caracterização linguística destas construções. E conclui que é somente o valor atribuído pelo falante o que define o caráter concessivo ou adversativo de um enunciado.

Parazuelos (1993) apresenta a noção de bipolaridade sintática e semântica como característica básica da concessividade, pelo fato de esta surgir sempre a partir de uma relação que se estabelece entre os membros ou pólos e seus conteúdos ou atos.

⁷ (19) a) *Aunque juega con fuego no se quema;*

b) *Juega con fuego, se quema.*

(20) a) *Juega con fuego, pero no se quema.*

b) *Juega con fuego, se quema.* (Rivas, 1989, p.244)

Parazuelos (1993) não diferencia categoricamente as adversativas das concessivas; mostra, por outro lado, que a expressão da concessividade tem seu molde típico na oração bipolar concessiva, mas o falante do espanhol dispõe de um extenso rol de possibilidades sintáticas associado a recursos semântico-pragmáticos, no que se refere a outras estruturas não tão habituais que são capazes de adquirir, pelo contexto, efeito de sentido concessivo.

É interessante observar que, quando são levados em consideração não apenas argumentos sintáticos (uma construção é coordenativa, a outra subordinativa) ou semânticos (significados diferentes – uma indica contraste, a outra, admissão de um fato contrário a ação principal), mas também pragmáticos (uma demonstra a relação de não-compatibilidade, a outra, de implicação), torna-se mais convincente a diferenciação entre os dois tipos de construção.

Outros estudiosos investigaram as construções concessivas e adversativas e as diferenciaram com base em critérios pragmáticos.

Garcia (1969), ao mostrar que a idéia de oposição ou contraste tanto pode ser expressa por uma coordenada adversativa (conjunção *mas* ou sua equivalente) quanto por uma subordinada concessiva (conjunção *embora* ou equivalente), aponta que a diferença entre ambas é que a subordinada parece dar mais realce à principal, como se pode observar nos exemplos (21) e (22), por ele apresentados:

- (21)- O Brasil é um país de grandes riquezas, mas o padrão de vida de seu povo é um dos mais baixos do mundo.
- (22)- Embora o Brasil seja um país de grandes riquezas, o padrão de vida de seu povo é um dos mais baixos do mundo.

Os dois exemplos mostram que as adversativas e as concessivas são muito próximas, já que a idéia de oposição é pertinente às duas. Garcia (1969) diferencia as duas construções com base em argumentos pragmáticos, ou seja, dependendo do que o falante queira enfatizar, vai optar por uma das duas construções.

Um enfoque textual é dado por Halliday & Hasan (1976) que tratam das orações quando abordam as conjunções. É importante verificar que, para eles, as conjunções são elementos coesivos, não por si mesmos, mas, indiretamente, devido aos significados específicos que pressupõem a presença de outros componentes no discurso. As relações conjuntivas fazem parte de um componente altamente generalizado dentro de um sistema semântico que reflete a expansão da língua. Elas representam relações gerais que envolvem diferentes linhas de significados e que têm um efeito coesivo.

Os autores mostram, a partir dos exemplos abaixo, que várias são as possibilidades de usar uma mesma relação conjuntiva (no caso, a relação de adversidade), tais como:

- 23- Seu grande desconforto não o impediu de dormir.
- 24- Ele dormiu apesar do grande desconforto.
- 25- Embora estivesse muito desconfortável, ele dormiu.
- 26- Ele estava muito desconfortável. Entretanto caiu no sono.
- 27- Mesmo estando muito desconfortável, ele ainda dormiu.⁹

O interessante é o falante reconhecer que um mesmo fenômeno pode apresentar diferentes estruturas. Ele está ciente de que alguns fenômenos podem ser ligados a outros devido a certos tipos de relação de significado ou mesmo dependendo do que queira deixar em relevo.

Para Halliday & Hasan (1976), as relações conjuntivas, como a aditiva, adversativa, causal e temporal, ocorrem em dois planos: externo, que diz respeito ao que é experimental, empírico, e interno, relacionado com o que é interpessoal, com a participação do falante na situação discursiva. Essa proposta de Halliday & Hasan (1976) relaciona-se com a tipologia de funções da linguagem apresentada por Halliday (1978). O que se percebe é que a relação adversativa, um dos objetos deste trabalho, pode exercer, principalmente, as funções interpessoal e textual, por auxiliar na organização do evento de fala e na organização interna do discurso.

O significado básico da adversativa está relacionado com algo que é contrário a uma expectativa. Halliday & Hasan afirmam que esta expectativa tem origem no conteúdo do que é dito, ou provém de um processo de comunicação, de uma situação falante-ouvinte, ou seja, tanto no plano interno como externo. Os autores ainda declaram que a palavra *mas* expressa uma relação adversativa, além de conter “um significado lógico de adição, como se na forma *mas* estivesse implícita a idéia *e contudo*” (Halliday & Hasan, 1976, p.237).

A relação adversativa abrange as “**adversativas propriamente ditas**”, tanto no plano interno, quanto externo, representadas por *mas* (but), *porém* (however), *contudo* (nevertheless), *apesar de* (in spite of), *não obstante* (all the same), *ainda* (yet), *embora* (though), *exceto* (only); as **contrastivas externas**, *mas* (but), *porém* (however), *por outro*

⁹ (23) *His great discomfort did not prevent him from falling asleep.*

(24) *He fell asleep, in spite of his great discomfort.*

(25) *Although he was very uncomfortable, he fell asleep.*

(26) *He was very uncomfortable. Nevertheless he fell asleep.*

(27) *Despite being very uncomfortable, he still fell asleep.* (Halliday & Hasan, 1976, p.229)

lado (on the other hand), *apesar de* (at the same time), *em oposição a* (as against that); as **contrastivas internas** tais como: *de fato* (inf fact, in point of fact), *para dizer a verdade* (as a matter of fact, to tell the truth), *verdadeiramente* (actually); as **correlativas internas**, *em vez de* (instead), *mais propriamente* (rather), *ao contrário* (on the contrary), *ao menos* (at least), *eu quero dizer* (I mean) e **relações de rejeição**, *em todo caso* (in any/either case/event), *de toda maneira* (any/either way), *seja qual for* (whichever) (Halliday & Hasan, 1976).

Uma visão interessante apresenta Schiffrin (1987) que acredita terem os conectivos funções do tipo ideacional e pragmático na fala. A autora assegura a possibilidade de se relacionarem propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das conjunções.

Numa postura condizente com a abordagem funcionalista, Schiffrin (1987) afirma que embora *mas* seja um coordenador discursivo, como *e*, tem efeitos pragmáticos diferentes. *Mas* marca uma ação contrastiva. Nas palavras de Schiffrin,

(...) as relações de contraste são suficientemente transparentes para serem encontradas no conteúdo semântico de proposições, mas outras estão ocultadas no conhecimento cultural de base cultural dos falantes ouvintes ou implícitas nas suas expectativas que um falante tem do outro ou na conduta de um falante em relação ao outro. (Schiffrin, 1987, p. 153)¹⁰

Segundo Tannem (1979, *apud* Schiffrin, 1987), o conteúdo semântico não explica sempre porque duas unidades estão numa relação contrastiva. Muitos contrastes são inferíveis somente porque uma proposição particular viola as expectativas do falante/ouvinte – expectativas que não são desenvolvidas em proposições anteriores no discurso, mas, mais profundamente, desenvolvem-se num conhecimento prévio sobre o mundo.

O que se percebe é que *mas*, muitas vezes, contrasta não apenas dois conteúdos mas as percepções dos falantes sobre o que é dito, afinal, assim como trazemos expectativas sobre o mundo, sobre as pessoas, há expectativas também sobre como será a interação comunicativa. Como bem coloca Schiffrin:

O conhecimento interacional combina com o conhecimento sobre o mundo real (o mundo cujos objetos e eventos são semanticamente representados) e com o conhecimento sobre si mesmo e o outro, para produzir um conjunto muito grande de expectativas do falante/ouvinte – qualquer que possa ser contrastado com uma fala a ser apresentada. Qualquer destas expectativas contrastadas pode ocasionar o uso de **mas**.¹¹

¹⁰ Sometimes such relationships are transparent enough to be found in the semantic content of propositions, but others are buried within speaker's and hearers' culturally based word knowledge, or implicit in their expectations about each other and each other's conduct. (Schiffrin, 1989, p.153)

¹¹ Interactional knowledge combines with knowledge about the real world (the world whose objects and events are semantically represented) and with knowledge about self and other, to produce a wide range of

Schiffrin (1987) ressalta que *mas* pode introduzir porções que são referencial ou funcionalmente contrastivas, talvez porque elas têm diferentes papéis na relação das expectativas estabelecidas pela porção anterior. O exemplo fornecido pela autora mostra uma resposta em que *mas* marca um contraste referencial além de funcional.

(28) Debby: E você nasceu no norte da Filadélfia.

Ira: a) Não. Eu nasci uh uh no – no sul da Filadélfia.

b) **mas** eu me mudei para o norte quando eu tinha um anos de idade.¹²

Ambos (a) e (b) foram feitos sob medida ao que foi dito por Debby, (a) corrige a inferência inadequada quanto ao nascimento de Ira e (b) esclarece a relação de Ira com o norte da Filadélfia. O item *mas* contrasta a referência ao norte e ao sul da Filadélfia, além de estabelecer o contraste funcional entre o que foi indiretamente perguntado (onde se deu o nascimento) e o que não foi (o fato de ela ter se mudado).

Além de contrastar idéias, como foi apontado no exemplo acima, *mas* pode contrastar ações, indicando um retorno ao ponto de vista inicial ou funcionando como marcador conversacional. O exemplo abaixo ilustra duas pessoas, falando de uma terceira, usando **mas** para retornar ao seus pontos de vista. Freda e Jack estão descrevendo uma moça que se diz judia e italiana e inventam um termo para ela, 'Jewop'.

(29) Freda: E aquela garota que está... que está conversando com Mae?

Eu não consigo lembrar o nome dela, nem lembrar o que ela disse.

Mas ela era meio... italiana, meio judia. Como ela se chama?

Jack: Oh: sim. Ela se chamou de ...Jewop

Freda: Uma Jewop!

Jack: Essa foi boa! Ela foi... muito, muito interessante ouvir isso!

Freda: Uma Jewop! Ela é uma jewop! Jewop! Mas ela foi educada como um

Jack: o pai dela era ...

Freda: católico

Jack: Espera aí o pai dela era italiano e a mãe era judia? Ou algo parecido.

Freda: Sim Ela é: o pai dela era italiano, ela foi educada

Jack: e ela foi um grande produto dos dois.

Freda: Mas ela foi educada pela avó judia que a levou para a escola católica!

Jack: **mas** ela viveu

Freda: ela foi educada como uma católica

Jack: em casa com um judeu.

Freda: **mas** conviveu em casa com um judeu.

speaker/hearer expectations – any of which may be contrasted by upcoming talk. And any of these contrasted expectations can occasion the use of *but*. (Schiffrin, 1987, p.158)

¹² (28) Debby: And you were born in North Philadelphia.

Ira: a) No. I was born in uh in – in South Philadelphia,

b) **but** I moved to North Philadelphia when I was a year old. (Schiffrin, 1987, p.159)

Jack: e ela acabou se casando com um italiano!
 Freda: e ela disse que ela realmente é uma Jewop!
 Jack: isso não é algo?... mas ela se deu bem
 Freda: mas ela foi muito bem formada pelo dois
 Jack: e ela foi muito interessante. e ela... foi um prazer ouvi-la¹³.

Mas em mas ela era meio...italiana, meio judia separa uma idéia que tangencia o assunto central (como se chama a moça) da idéia que compõe o assunto central (ela ser meio italiana e meio judia). Uso referencial de *mas* ocorreu em *mas ela viveu*, em que Jack contrasta duas idéias da vida da moça, ir à escola católica (dito por Freda) e viver com um judeu. Em *mas ela foi educada pela avó judia* marca não somente um contraste referencial mas a tomada de turno por Freda.

Mas foi usado, nos casos assinalados, não somente para mostrar um contraste referencial, mas marcar a competição pela tomada de turno, permitindo aos falantes retomar o seus pontos de vista.

Schiffrin (1987) observa que o significado contrastivo pode estar no significado semântico ou pragmático. No exemplo *Eu fui à loja mas ela estava fechada*, os dois conjuntos (porções) estão em contraste, pois esperamos o curso normal dos eventos: não ir à loja ao menos que se saiba que ela esteja aberta. Já no exemplo *Liz não conseguiu emprego mas está feliz*, só o conhecimento compartilhado explica o contraste.

Com relação à fonte do conhecimento contrastivo, Lakoff (1971, *apud* Schiffrin 1987) havia proposto duas diferentes fontes, o contraste semântico entre dois itens lexicais (*João é*

¹³ Freda: How bout that little girl that's in – that's visiting with Mac?
 I can't think of her name, nor do I remember what she said.
But she was half... Italian, half Jewish. What did she call herself?
 Jack: Oh, sim. Ela se chama de Jewop!
 Freda: A Jewop!
 Jack: That was cute!
 She was... very, very interesting t'listen to!
 Freda: A Jewop! she's a Jewop! But she was raised, as a
 Jack: Her father was... wait a
 Freda: católico.
 Jack: a minute her father was Italian, and her mother was Jewish? Or it the other way around.
 Freda: Yes. She ch her father was Italian, she was raised
 Jack: And she was a great product of these two.
 Freda: **But** she was raised by the Jewish grandmother and sent to the Jew ch to the catholic school!
 Jack: **But** she lived
 Freda: She was raised as a Catholic,
 Jack: at home with a Jew.
 Freda: **but** who lived at home with a Jew.
 Jack: And she wound up marrying an Italian boy!
 Freda: And she said she really is a Jewop!
 Jack: isn't tha somethin'? But she is tremendous.
 Freda: But she was very aware of both
 Jack: And she was very interesting. And she was a pleasure t'just listen to. (Schiffrin, 1987, p.169)

alto mas Bill é baixo) e o contraste pragmático entre a expectativa do falante/ouvinte e a atualidade (*Maria é pobre mas feliz*).

Schiffrin (1987) afirma que os papéis discursivos de *mas* podem ser comparados aos papéis gramaticais, ou seja, o papel coordenativo pode ser pensado a partir de sua função na estrutura da idéia, o papel semântico como significado textual e o papel pragmático como efeito interacional.

Outra visão pragmática aponta Garcia (1994) no que se refere ao estudo das concessivas e adversativas.

Para Garcia, o período concessivo opõe dois juízos contrários, assim como as coordenadas adversativas. O que se expressa mediante a coordenada adversativa também pode ser formulado pela subordinada concessiva, o que ocorre é que a concessiva apresenta uma restrição desprezada e a adversativa uma restrição mantida.

Os termos concedente e concedido se referem, respectivamente, ao membro com a conjunção e ao membro sem a conjunção.

Garcia (1994) traz uma noção inovadora para caracterizar as concessivas, a **relação de preferência**, que é o conjunto de convenções sociais e culturais que preferiria o contrário do termo principal (concedido), em determinadas situações o sujeito da enunciação pode ter uma preferência individual contrária ao que é de se esperar. O exemplo *Mesmo que neve, sairei*, mostra que a sociedade acredita que quando há neve, não se deva sair; no entanto, o falante usa a concessiva para exprimir-se contrário a essa expectativa.

Segundo a autora, as expressões concessivas funcionam no limite da lei da preferência, o termo subordinado “planta” um enunciado do qual se segue uma implicação preferente, contudo, desautorizada pelo concedido, termo principal. O esquema da expressão concessiva fica assim estabelecido:

[Fundo: concedente] ativador da preferência

[FIGURA: CONCEDIDO] antipreferência manifestada

A **lei da preferência** leva em conta tanto o falante como o ouvinte. A autora afirma que as concessivas nascem da absorção da expressão do ouvinte por parte do falante, não sendo necessário apoiar-se no que foi dito antes, senão apenas no que o ouvinte, devido ao sistema social de preferências, poderia ter dito. A dicotomia acordo/desacordo do termo subordinado se parece com o binômio real/irreal do condicionante das condicionais, daí a relação entre as concessivas e condicionais.



Segundo Garcia (1994), as adversativas são construções do tipo *alter*, em que intervém o turno do falante e de um só participante absorvido pela enunciação. Dentro da tradição gramatical espanhola o caráter *alter* está relacionado à coordenação e o caráter *alius* ao que vem subordinado (ou interordinado).

As construções do tipo *alter* são caracterizadas pela impossibilidade de antepor o segundo termo com seu conector e a admissão da conversão M1 c M2 em M2 c M1, ou seja, o exemplo *Es buena persona, pero parece pouco inteligente*, que tem o esquema M1 c M2, pode ser transformado em *Parece pouco inteligente, pero es buena persona* (M2 c M1).

Contrastando uma construção concessiva (do tipo *alius*) e uma adversativa (do tipo *alter*), à primeira vista parecem significar o mesmo, como se vê em: *Embora não tenha dinheiro, quero sair de férias neste verão, Quero sair de férias neste verão, mas não tenho dinheiro*. Entretanto Garcia (1994) acredita que tanto as concessivas quanto as adversativas se movem no universo pragmático estabelecido pela lei da preferência. Apesar de a concessiva significar uma restrição desprezada, porque se impõe a antipreferência expressa pelo *concedido*, a adversativa é uma restrição conservada.

Segundo a autora, sempre se vê que a oração *figura* das expressões compostas é o membro que não traz a conjunção e *fundo* é o que leva a conjunção. Com as construções adversativas ocorre o contrário, a seqüência com conjunção é *figura* e não *fundo*. O esquema fica assim:

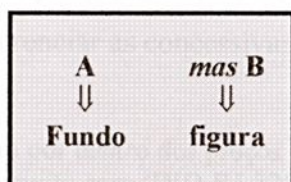


Figura 1: Lei da preferência

Garcia (1994), seguindo a escola de Ducrot (1977,1979), acredita que a expressão *A, pero B* indica que o emissor apresenta B como um argumento a favor de uma conclusão C, a qual pode haver sido anunciada antes, depois ou permanecer implícita. O que se destaca é que a força argumentativa de B em relação a C é maior que a de A em relação a não-C (p.348). Nas palavras da autora:

...a orientação argumentativa associada ao termo adverso está relacionada com a força do sentido que veicula, mas esta força não deriva do seu conteúdo informativo (mais fraca, como

já sabemos, já que se trata de um fundo), senão que é um sentido orientado até o receptor e que o permite extrair inferências argumentativamente decisivas. (Garcia, 1994, p.348)¹⁴

De acordo com a relação de preferência, as expressões concessivas estão construídas sobre a antipreferência e as adversativas sobre a preferência. No exemplo *Ganha pouco, embora trabalhe*, o concedente (termo subordinado) prefere a negação do concedido (*ganha muito*), mas se impõe a antipreferência (*ganha pouco*). Já em *Ganha pouco, mas trabalha*, o que se impõe é a preferência representada pela implicação que se pode extrair do termo adverso, isto é, não está desempregado, tem trabalho.

Garcia diferencia o uso das construções com *mas* e *embora* a partir de critérios pragmático-argumentativos, ao apontar a força argumentativa de cada construção. O falante escolhe determinada construção de acordo com a orientação argumentativa que quer dar ao seu discurso.

Neves, em estudo recente (1999), segue a mesma linha de Garcia (1994) ao considerar que o exame da contraposição vai implicar a confrontação entre a direção que toma *p* e a direção que toma *q*, ou seja, a orientação argumentativa, determinante na construção adversativa e na construção concessiva.

A aproximação da construção concessiva com a condicional, defendida por Neves (1999) e Rivas (1989), se dá pela criação de uma hipótese de objeção pelo ouvinte e refutação a essa objeção. O falante pressupõe uma objeção do ouvinte e a traz na construção concessiva, mas deixa prevalecer a idéia apresentada na oração nuclear. É a partir desta orientação argumentativa que se pode diferenciar as concessivas e adversativas. Assim a construção

(30) eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos... **embora** eu ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro (DID-RJ-328:35)

tem seu equivalente em: *eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos **mas** eu ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro*. A diferença está que na ocorrência com *embora* a oração nuclear *eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos* fica mais em evidência e na construção equivalente é o segmento adversativo.

Relacionando os estudos de Neves (1999) e de Schiffrin (1987), é possível verificar uma semelhança de abordagem, afinal ambos apresentam uma investigação sob a ótica

¹⁴ ...la orientación argumentativa asociada al término adverso tiene que ver con la fuerza del sentido que vehicula, mas esta fuerza no deriva de su contenido informativo (débil, como sabemos, ya que se trata de um fondo), sino de que es un sentido orientado hacia el receptor y que le permite extraer inferencias argumentativamente decisivas. (Garcia, 1991, p. 348)

funcionalista, mostrando o papel semântico e principalmente pragmático das construções com *mas*. Normalmente, as construções de contraposição apresentam conteúdos que contrariam as expectativas “daquilo que os mundos normais deixam transparecer” (Van Dijk, 1980, *apud* Neves, 1999). Neves acredita que,

na verdade, não se trata de relações entre “mundos”, pois a concessiva não pode ser equacionada sem a interferência da relação falante-ouvinte e sem a evocação de noções como compartilhamento de conhecimentos, plausibilidade de argumentação e admissão de objeção (Neves, 1999, p.587).

Levando em conta a relação falante-ouvinte, Neves (1999) aponta que o estudo da contraposição deva se fundamentar em princípios pragmáticos e ao tratar da construção concessiva, em estudo posterior (2000), propõe que o uso dessa construção está atrelado à função pragmática por ela desempenhada.

Pode-se dizer, brevemente, que a função pragmática é aquela que especifica a categoria informacional dos constituintes em relação à amplitude comunicativa e a posição em que eles aparecem (Dik, 1989). As funções pragmáticas abrangem as dimensões de topicalização e focalidade. A primeira caracteriza aquelas entidades sobre as quais a informação é fornecida no discurso. A segunda tem a função de destacar partes da informação que são as mais importantes (mais detalhes sobre as funções pragmáticas serão apresentados no capítulo 5).

O estudo de Neves (2000) indica que o falante coloca a construção concessiva em posição inicial porque ela carrega a informação mais conhecida, desempenhando a função pragmática de tópico e a coloca depois porque ou ela tem a função de enfatizar os elementos da oração nuclear, exercendo a função de foco ou desempenhando o papel de um adendo, “porção do enunciado em que o falante volta ao que acaba de dizer, pesando *a posteriori* objeções à sua proposição” (Neves, 2000, p.879). Para Neves (1984), desempenham, respectivamente, a função de tópico e foco, construções como as apresentadas em (31) e (32):

- (31) Muito **embora** todos, ou quase todos, os conceitos acima emitidos sejam admissíveis, impõe-se uma re colocação do problema.
- (32) As manchas representativas da presença humana no território são repetidas, **embora** com nuanças. (Neves, 2000, p 879/0)

A partir da observação de diferentes concepções das relações adversativa e concessiva, pode-se chegar à conclusão de que é necessário levar em conta também a dimensão

pragmática no estudo das construções em questão, visto que a diferenciação entre elas não se justifica apenas por critérios sintático-semânticos.

Verificou-se que, realmente, as construções concessivas possuem íntima relação com as condicionais e causais, conforme apontou Rivas (1989), pois p expressa uma condição ou causa, mas o que é esperado é negado em q . A causa implícita na concessiva é negada na oração nuclear e a condição, também implícita, não evita o conteúdo expresso na oração nuclear.

As construções concessivas também se assemelham às adversativas e as demais construções acima referidas por apresentarem bipolaridade sintática e semântica (conforme Parazuelos (1993)).

Entre os estudos pragmáticos apresentados, serão retomados posteriormente, o de Garcia (1994) referente à lei da preferência e o de Neves (1999, 2000) referente à função pragmática desempenhada pelas construções em questão.

Apesar da abrangência de todos os estudos apresentados nesta seção, Simon Dik apresenta uma abordagem pertinente e diferente das demais, como se nota a seguir.

EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS

Figura 2 Descrição da oração (Dik, 1999, p.49)

Dik (1999) adota a noção em níveis (ou camadas) para a organização de uma oração, indicando que em cada nível há estruturas que desempenham diferentes papéis. O primeiro nível é o sintagma por predicado e o termo. Predicados dos quais propriedades ou relações, enquanto termos podem ser usados para fazer referência a entidades. Quando um predicado é aplicado a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma predicação. A predicação, que faz parte do segundo nível, por sua vez, designa um estado de coisas, a ocorrência de algo que pode ocorrer no mundo. (Dik, 1999, p. 49)

	termo	predicado	termo
predicado	o	está	o sujeito
termo de objeto	o sujeito	está	o objeto

Tabela 1: Exemplo de estruturas sintáticas de oração

A estrutura sintática de uma oração pode, por exemplo, um predicado (verbo) que é aplicado por termos (o, o objeto), formando assim a predicação.

CAPÍTULO II

AS CONSTRUÇÕES ADVERSATIVA E CONCESSIVA NA VISÃO DE SIMON DIK

A gramática funcional, além de se preocupar com a competência comunicativa, com a função que determinada expressão lingüística exerce, não despreza a representação formal dos enunciados que tem uma função mediadora entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte, na interação verbal (Dik, 1989).

Dik (1989) postula que cada oração pode ser descrita de acordo com sua estrutura subjacente delineada por um sistema de regras de expressão que determina como serão os constituintes que farão parte das expressões lingüísticas. Assim temos:

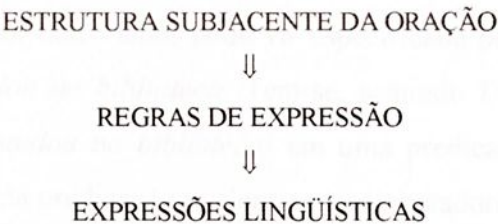


Figura 2: Descrição da oração (Dik, 1989, p46)

Dik (1989) adota o modelo em níveis (ou camadas) para a organização de uma oração, indicando que em cada nível há entidades que desempenham diferentes papéis. O primeiro nível é o composto por predicados e termos. **Predicados** designam propriedades ou relações, enquanto **termos** podem ser usados para fazer referência a entidades. Quando um predicado é aplicado a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma predicação. A **predicação**, que faz parte do segundo nível, por sua vez, designa um estado-de-coisas (“a concepção de algo que pode ocorrer no mundo” (Dik, 1989, p.46)):

	Termo	Predicado	Termo
Predicação	ele	estudou	na biblioteca
Estado-de-coisas	entidade 1	Relação	entidade 2

Tabela 1: Exemplo de estrutura subjacente da oração

A estrutura subjacente de uma oração pede, por exemplo, um predicado (*estudou*) que é ampliado por termos (*ele, na biblioteca*), formando assim a predicação.

Os constituintes *ele* e *na biblioteca* são respectivamente um argumento e um satélite. Os **argumentos** são termos requeridos por algum predicado a fim de formar uma predicação nuclear completa. Eles são essenciais para a integridade do estado-de-coisas. Termos que fornecem uma informação adicional, e portanto, não obrigatórios, tal como *na biblioteca* são chamados de **satélites**. Ao acrescentar-se o operador de predicação [Passado] e o satélite locativo *na biblioteca* à predicação, situa-se o estado-de-coisas no tempo e no espaço.

Os tipos de argumentos que os predicados apresentam são especificados por funções semânticas e por restrições de seleção impostas por eles. As **funções semânticas** representam os papéis (Agente, Meta, Recipiente) desempenhados pelas entidades no estado-de-coisas designado pela predicação. É o que se pode observar no exemplo *Ele comprou um presente para ela*; os argumentos *ele*, *um presente* e *para ela* funcionam, respectivamente, como Agente, Meta e Recipiente.

Uma predicação, por outro lado, pode vir especificada por outro estado de coisas: *A mãe viu que o filho estudou na biblioteca*. Tem-se, segundo Dik (1989), uma **predicação encaixada** (*que o filho estudou na biblioteca*) em uma predicação mais alta, a predicação central que é constituída pela predicação nuclear e pelos operadores e satélites de nível 1. Eles contribuem para promover a definição da estrutura interna de um estado de coisas. Os operadores de predicados atuam na organização interna temporal do estado de coisas, trazendo distinções aspectuais tais como o imperfectivo e perfectivo. Os satélites de nível 1 incluem três diferentes macrofunções de satélites: a) Participantes adicionais (Beneficiário e Companhia); b) Meios e Modo (Instrumento, Modo, Qualidade e Velocidade); c) Orientação Espacial (Fonte, Percurso e Direção).

Então, a **predicação nuclear** consiste de predicado, além dos argumentos a ele associados; a **predicação central** consiste de predicação nuclear, além de operadores de predicado (π_1) e satélites de nível 1 (σ_1); a **predicação estendida** consiste de predicação central, com um estado de coisas (Esco) variável (e_i) e modificado pelos operadores de predicação (π_2) e os satélites de nível dois (σ_2) que indicam Locação, Tempo, Circunstância, Propósito e Causa. A relação entre os três tipos de predicação foi representada por Dik (1989) da seguinte maneira:

2.1- As construções com *mas*

O elemento *mas* aparece exercendo a função de relator coordenador, de conector (marcador discursivo) e de constituente extra-oracional (marcador conversacional).

Os **relatores** são “elementos gramaticais que servem para ligar dois constituintes juntos e/ou marcar a função de um constituinte como especificado na estrutura subjacente da oração” (Dik, 1989, p.339)¹⁵. Estão subdivididos em coordenadores e subordinadores.

O que Dik postula é que os constituintes de uma oração podem ser lexicais ou gramaticais. Fazem parte de um constituinte lexical um núcleo (cabeça) e os dependentes. Já os relatores e os operadores são constituintes gramaticais.

A ocorrência seguinte mostra *mas* atuando como relator do tipo coordenador, por contrastar duas orações de mesmo valor, apresentando uma estrutura do tipo [*relatum*] R [*relatum*].

- (33) Inf ... ele poderá interpretar, [se eu pedir a interpretação, vai me dar o seu ponto de vista, vai me dar o seu ponto de vista, a sua opinião] **mas** [ele não está criando nada], ele está fiel à comunicação e à extrapolação, o que é extrapolação? (...) é seguido, hein? é uma transferência a partir de quê? (EF-POA-278:134)

Mas como relator coordenador faz parte da construção coordenativa que consiste de dois ou mais membros que são funcionalmente equivalentes (Dik, 1997). Os coordenadores podem ser pré-postos ou pospostos aos membros, como indica o esquema abaixo (Dik, 1997, p.191):

- | | |
|--------------------------------------|--|
| a1. M ₁ CO M ₂ | a2. M ₁ CO M ₂ CO M ₃ |
| b1. M ₁ M ₂ CO | b2. M ₁ M ₂ CO M ₃ CO |

Os esquemas a2 e b2 apresentam coordenadores repetidos, que são classificados como repetitivos (...e...e) e correlativos (ou...ou...).

A equivalência funcional significa que os membros devem ter as mesmas funções semântica, sintática e pragmática (Dik, 1997). Assim, nos exemplos abaixo, a agramaticalidade das orações é explicada pelo fato de a coordenação ter sido efetuada com termos de funções semânticas diferentes:

¹⁵ The classe of relators contains those grammatical elements which serve to link two constituents together, and/or to mark the function(s) of a constituent as specified in underling clause structure (Dik, 1989, p.339)



- (34) a * João foi à festa (Direção) e de carro (Modo).
 b * João cortou a carne com a faca (Instrumento) e na cozinha (Lugar).
 c * João leu toda noite (Duração) e uma grande novela (Meta)¹⁶.

É importante observar que a coordenação se dá não apenas entre orações como é comumente tratado pelas gramáticas. Dik mostra que a coordenação pode se dar entre termos, operadores, restritores, predicados, entre predicções, proposições ou mesmo entre orações. Os exemplos abaixo apresentam, respectivamente, os tipos de *relata* citados.

- (35) O rei e a rainha são inteligentes.
 (36) Você quer este ou aquele livro?
 (37) Na loja vimos vestidos pretos e brancos
 (38) João abriu e fechou as janelas muitas vezes.
 (39) O ladrão forçou Pedro a abrir o cofre e entregar o dinheiro.
 (40) João acredita que formigas põem ovos e que tartarugas dão leite.
 (41) a) João foi caminhar e Maria viu televisão.
 b) João disse que ele não se sentia bem e que ele queria ir para casa.¹⁷

Em (35) os termos *rei* e *rainha* são coordenados, enquanto que em (36) são os operadores *este* e *aquele*, ou seja, elementos gramaticais que dentro de diferentes níveis definem o esquema gramatical por meio da combinação de predicados dentro da expressão lingüística. São operadores também os quantificadores e os artigos.

Diferentemente ocorre em (37) e (38), uma vez que neste último são os predicados *abrir* e *fechar* que estão coordenados e no primeiro são os restritores não-verbais *pretos* e *brancos*.

Dik aponta a possibilidade de se coordenarem outros segmentos como as predicções, ou seja, construções que expressam um estado de coisas, e que no exemplo (39) funcionam como argumento do verbo *forçar* (*abrir o cofre e entregar o dinheiro*); bem como as proposições, estruturas que designam um fato possível (*João acredita que formigas põem ovo e que tartarugas dão leite*) e que aparecem no exemplo (40).

¹⁶ (34) a * John went to the party (Dir) and by car (Manner)
 b * John cut the meat with a knife (Instr) and in the kitchen (Loc).
 c * John read the whole night (Dur) and a great novel (Go). (Dik, 1997, p.192)

¹⁷ (35) a) John went out for a walk and Mary watched television.
 b) John said that he didn't feel well and that he wanted to go home.
 (36) John believes that ants lay eggs and that turtles give milk.
 (37) The burglar forced Peter to open the safe and to hand over the money.
 (38) The king and the queen are intelligent.
 (39) John opened and closed the window several times.
 (40) In the shop we saw black and white dresses.

O exemplo (41a) apresenta *e* coordenando duas orações *João foi caminhar e Maria viu televisão*, (41b) traz orações encaixadas (*ele não se sentia bem e ele queria ir para a casa*) sob um predicado verbal de ação (*João disse que*).

Além da função de relator coordenador, *mas* também desempenha a função de **conector**, que tem, segundo Dik (1997), o papel primário de estabelecer ligação de uma nova oração ao que a precede e ao mesmo tempo especificar a relação semântico/pragmática entre esses elementos.

A noção de conectores está relacionada com a noção de coerência discursiva, pois contribui, conectando uma cláusula a que precede, para o grau de coerência do discurso. Além disso, os conectores podem conectar uma cláusula a uma unidade maior.

Dik (1997) segue a denominação feita por Pinkster (1988, *apud* Dik, 1997) que propõe a divisão dos conectores de acordo com os tipos semânticos: aditivo (*e*, *também*), adversativo (*mas*, *entretanto*), disjuntivo (*ou*), causal (*por*, *porque*), consecutivo (*então*, *portanto*), continuidade (*e então*).

A diferença entre relator coordenador e conector é que o conector liga uma nova oração a tudo que vier a ela precedido. Os conectores não podem ser equiparados aos relatores coordenadores que têm uma função intra-oracional (“intra-clausally”).

Observe os exemplos de *mas* coordenador e conector respectivamente:

- (42) L1 derrama em cima e põe bastante pão torrado então vai junto com o, o, o camarão com queijo ao forno e, os dois assam juntos, Pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve-se eu acho sensacional agora, a minha mulher come o camarão, **mas** jamais comerá o...(fruto do mar) (D2-POA-291:152)
- (43) L2 [não, tu vê, por exemplo, o peixe, peixe aqui no Rio Grande eu tenho impressão que se come peixe, exclusivamente na Semana Santa, porque é um, é um dogma, o padre mandou, seja lá o que for né (ruído de microfone) na Semana Santa], **mas** [não é hábito gaúcho come(r), come(r) peixe No norte, por exemplo, é o, o contrário] (D2-POA-291:21)

O elemento *mas* do exemplo (42) contrapõe duas orações, *a minha mulher come o camarão e jamais comerá o...* (o fruto do mar), funcionando realmente como um relator coordenador. Já o exemplo (43) nos mostra que a oração *não é hábito gaúcho comer peixe* está em oposição a tudo o que foi dito antes, ao fato de *no Rio Grande só se comer peixe na Semana Santa porque é um dogma, o padre mandou...*

(41) Do you want this or that book? (Dik, 1997, p.196/208)



Por outro lado, *mas* tem uma função interacional, é considerado um constituinte extra-oracional, quando utilizado no seqüenciamento e na organização do discurso: o falante lança mão de *mas* como um recurso para tomar o turno na conversação, como em (44):

- (44) L2 Pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve-se eu acho sensacional agora, a minha mulher come o camarão, mas jamais comerá o...

L1 **mas**, mas depois dessa eu não posso fala(r) mais nada

L2 não, isso é um dos pratos, né (D2-POA-291:153)

Os constituintes extra-oracionais, segundo Dik (1997), não são orações, nem fragmentos de orações, mas expressões não essenciais para a estrutura interna da oração a que estão associadas. Eles não são sensíveis às regras gramaticais que operam dentro dos limites da oração. Quanto à função, os constituintes podem atuar: (i) no controle da Interação, (ii) na especificação de atitudes, (iii) na organização discursiva e (iv) na execução do discurso.

Quando *mas* desempenha o papel de constituinte extra-oracional, atua na organização discursiva, perdendo sua função lexical e gramatical para ficar a serviço da organização da linha de raciocínio na fala, ora marcando uma retomada da linha de raciocínio perdida, reorganizando o discurso e ao mesmo tempo chamando a atenção do ouvinte para essa retomada (45), ora funcionando como artifício para o falante tão-somente retomar a fala (46).

Os exemplos são:

- (45) Loc então vai perguntar de uma maneira maniqueísta correto ou errado isso aí não é nem correto nem errado

Inf **mas** eu **mas** eu coloco um pouco mais... justifique... então aí João se você justificar de maneira... como você me responde:u... eu coloco correto... porque você disse PARA ALGUNS auto:res... ou alguns estudiosos... existe diferença... (EF-RE-337:111)

- (46) L1 bom eu agora vou falar...esse negócio de dizer que morar em Olinda é conversa porque Olinda não existe

L2 Olinda existe como o Recife [

L1 Olinda é uma cidade Olinda é uma cidade que já foi assassinada [

L2 Olinda é a capital do Nordeste

L1 há muito tempo...esse negócio de manter Olinda como como como uma cidade independente...compreendeu isso é o tipo do eufemismo besta...compreen/ [

L2 **mas** Ed.

L1 que se se se usa apenas...por assim um negócio histórico afetivo...porque Recife engoliu Olinda há toda vida (D2-RE-05:22)

Estabelecendo um paralelo entre Dik (1989, 1997) e Schiffrin (1989), percebe-se que Schiffrin, ao propor que *mas* não contrasta apenas conteúdos mas percepções do falante, além



de funcionar como marcador de turno, trabalha na mesma linha de Dik (1989), que classifica *mas*, de acordo com determinados usos, em relator, conector e constituinte extra-oracional.

2.2- Os satélites com *embora*

Quanto às construções com *embora*, é possível perceber que elas apresentam todas as propriedades de um satélite; Embora não sejam como eles, um meio lexical, são como eles não-obrigatórios e trazem uma informação adicional ao estado de coisas. O satélite é opcional visto que pode ser retirado sem afetar a gramaticalidade da sentença. Como se pode observar em (47):

- (47) bem... eu fiz o seguinte... eu contei... a aula passa:da... quantos grupos estiveram... aqui presen:tes... fazendo aquele trabalho de:... definição: tare:fas necessidades da sociologia do direito... como grupo de trabalho e contei: os seguintes grupos o grupo a: o b: o c: o d: o e: o f: o h:... e o i:... portanto temos entre oito nove grupos... no máximo... talvez eu tenha deixado algum grupo... de fora... contei também o número de estudantes... quarenta e um... e: eu tenho quase certeza **embora** não tenhamos a lista... que vocês: são... no total cinqüenta e um... quer dizer sempre tá faltando... não é? (EF-RE-337:8)

A relação concessiva *embora não tenhamos a lista* pode ser retirada sem provocar alterações gramaticais. É possível fazer a seguinte leitura: *eu tenho quase certeza de que vocês são no total cinqüenta*.

Esses satélites são formados por construções encaixadas, ou seja, termos complexos que podem ser usados para se referir a entidades de ordem mais alta, do tipo e, X e E. Conforme explicitada na tabela 1.

ORDEM	ESTRUTURA	TIPO	VARIÁVEL
0	Predicado	Propriedade/relação	f
1	Termos de 1ª ordem	Entidade espacial	x
2	Predicação	EsCo	e
3	Proposição	Fato possível	X
4	Oração	Ato de fala	E

Tabela 2: Tipos de entidades referidas pelos termos

São encaixadas predicções, proposições e orações, como se pode averiguar nos exemplos abaixo:

- (48) a) João testemunhou a troca de guardas.
 b) João soube que Maria fracassou ao se expor.
 c) João reconheceu o porquê de Pedro ter fracassado ao se expor.)¹⁸

Em (48a) é feita uma referência a um evento (troca), entidade do tipo *e*; em (48b) é feita uma referência a um conteúdo proposicional, entidade do tipo *X* e em (48c) uma referência a uma pergunta, entidade do tipo *E*.

No que diz respeito aos termos complexos, Dik (1997) aponta que eles também cobrem estruturas encaixadas em posições de satélite, comumente referidas como “cláusulas adverbiais”. Os exemplos dados pelo autor foram:

- (49) a) Antes que ele deixasse o encontro, João levantou alguns pontos importantes. (satélite temporal).
 b) João está triste, porque Bill ama Sally (satélite causal).
 c) Se Bill ama Sally, João ficará triste (satélite condicional).
 d) Enquanto Bill amar Sally, João estará triste. (satélite de duração)¹⁹ (Dik, 1997, p.95)

As construções encaixadas com *embora* funcionam, conforme mencionado, como satélite e o item gramatical *embora* é classificado como um relator subordinador, ou seja, é um item gramatical que liga constituintes marcando uma relação de dependência.

Cabe ressaltar que o item *embora*, quando introduz satélite, envolvendo a idéia de concessão, pode operar em diferentes níveis da estrutura da oração, no nível da predicção e até no nível do ato de fala.

Atuando na predicção estão os **satélites de nível 2**, que localizam o estado-de-coisas designado por uma predicção em um mundo real ou imaginário e assim restringe o conjunto de referentes potenciais da predicção à(s) situação(ões) externa(s) que o falante tem em mente (Dik *et al.* 1990). O estado-de-coisas pode ser localizado em dimensões espaciais, temporais e cognitivas, conforme exemplificado abaixo:

¹⁸ (48) a) John witnessed the changing of the guards.
 b) John knew that Mary had failed to show up.
 c) John considered why Peter had failed to show up. (Dik, 1997, 94)

¹⁹ (49) a) Before he left the meeting, John made some important points. (Temporal satellite)
 b) John is down, because Bill loves Sally. (Cause satellite)
 c) If Bill loves Sally, John will be down. (Condition satellite)
 d) As long as Bill loves Sally, John will be down. (Duration satellite) (Dik, 1997, p.95)

(50) Lugar : João encontrou Pedro na plataforma.

Tempo: João encontrou Pedro às cinco horas.

Circunstância: a. Maria fumava um cigarro, enquanto João lavava o carro.

b. Não surgindo mais problemas, a reunião foi cancelada.

c. Depois de acender um cigarro, João deixou o prédio.

Resultado : Todas as lojas estavam fechadas, então ele não tinha o que comer.

Finalidade : João correu para a estação a fim de pegar o trem.

Motivo (causa): O carro derrapou porque a estrada estava molhada. (Dik, 1989, p.206)²⁰

Um satélite de circunstância especifica um estado-de-coisas que ocorre simultaneamente a outro referido na predicação principal e manifesta não apenas a relação de tempo mas também uma circunstância (condição, concessão, causa). Segundo Dik (1997), um satélite circunstancial pode ser interpretado de diferentes maneiras, como temporal, causal, condicional, concessivo. Essas diferentes maneiras não são *significados* (semânticos) do satélite circunstancial, mas diferentes *interpretações* (pragmáticas), co-dependentes do contexto e da situação, de uma função semântica geral denominada ‘Circunstância’ ” (Dik, 1997, p.82)²¹.

Os satélites de circunstância deixam a constituição interna do estado-de-coisas intacta, mas localizam o conjunto de estado-de-coisas de acordo com as dimensões cognitiva, espacial e temporal (Dik *et al.*, 1990). É o que se vê em:

(51) L2 o testosterona...ele inibe...

L1 inibe...exato...é o seguinte...é porque...a verdade é que tanto no sexo feminino quanto no masculino há sempre uma produção significativa **embora** pequena mas de hormônio do sexo oposto...entendeu?... (EF-SSA-49:79)

Em (51), a relação concessiva se dá entre o sintagma nominal “uma produção significativa” e o sintagma “embora pequena”. O sintagma nominal “uma produção significativa” é um termo que atua como argumento do predicado, por isso o satélite

²⁰ (50) Location: John met Peter on the platform.

Time: John met Peter at five o'clock.

Circumstance: a) Mary was smoking a cigarette, while John was washing the car.

b) No more matters arising, the meeting was closed.

c) Lighting a cigarette, John left the building.

Result: All the shops were closed, so that we had nothing to eat.

Purpose: John ran to the station in order to catch the train.

Reason: John ran to the station because he wanted to catch the train. (Dik, 1989, 206)

²¹ We assume that these are not distinct (semantic) meanings of the circumstantial satellite, but different (pragmatic) interpretations, co-dependent on contextual and situational clues, of a general semantic function “Circumstance” (Dik, 1997, p.82)

concessivo “embora pequena” atua no nível da predicação; é, portanto, um satélite de nível σ_2 .

O exemplo (52), por outro lado,

- (52) eu como al/ éh ervilha...como alface...muita salada aqui em casa a gente tem muito o hábito de comer salada eu gosto muito da salada eu gosto de comer couve-flor:...gost/ engraçado que eu gosto muito de chuchu **embora** todo mundo ache chuchu uma coisa sem GRAça aguado mas eu go::sto... (DID-RJ-328:18)

mostra que ao mesmo tempo que o falante gosta de chuchu, outras pessoas o acham muito sem graça. Estão contrapostas as idéias de todo mundo achar chuchu sem graça e a do falante de gostar.

As duas ocorrências abaixo também apresentam a relação concessiva atuando na predicação:

- (53) L1 eu evito comer os outros queijos...((risos)) **embora** goste muito...eu só faço essa extravagância assim...uma vez por semana... (DID-RJ-328-495)

- (54) Inf mas aqui nos interessa... aqui: são justamente as regras jurídicas... pois bem então essas regras já estão aí... e elas já... possuem aquele aspecto que você está aprendendo na faculdade de direito... através da disciplina introdução... ela já contém num é? aquele aspecto formal... o chamado formalismo jurídico... que requer uma interpretação também... muito própria muito sua:... então isso faz com que... a pessoa... **embo:ra**... queira fugir da re:gra... não consiga... num é? (EF-RE-337:63)

Quanto à relação concessiva entre duas orações, observe-se a ocorrência :

- (55) L2 é precisa realmente estar convencido disso e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então desistimos...eu pelo menos desisti não se toca mais no assunto...mas realmente então está encerrado mas gostaríamos demais de mais filhos...**embora** eu fique quase biruta...((risos)) porque é MUlto a gente vive de motorista o dia inTEIRO mas o dia inTElro... (D2-SP-360:90)

O exemplo (55) apresenta a relação concessiva atuando no nível do ato de fala, o falante usa um satélite para especificar a força ilocucionária com a qual a proposição é apresentada. A idéia de “ficar quase biruta” não impede de o falante gostar demais de mais filhos.

Nos exemplos (56) e (57), a relação concessiva também atua no nível de ato de fala, é portanto um satélite de nível σ_4 .

- (56) L1 o problema de Recife é o problema de todo o Brasil...é um é uma é é uma comunidade EM desenvolvimento...de modo que tem todas a a...os percalços do do do da fase de transição
- L2 é
- L1 mas com grandes com grandes esperanças no futuro próximo...embora seja lamentável a gente dizer a vocês
- L2 que não tem esperanças
- L1 mas com grandes com grandes esperanças no futuro próximo...embora seja lamentável a gente dizer a vocês
- L2 que não tem esperanças
- L1 não...**embora embora** seja lamentável a gente dizer a vocês o seguinte...de que o Nordeste só cresce em termos absolutos...em termos relativos fica cada vez mais distante do Sul...o Sul cresce cada vez mais aumentando a distância para conosco...nós crescemos em termos absolutos todo o Brasil cresce a gente tem que crescer também. (D2-RE-05:195)
- (57) Inf eu acho importante bem importante mesmo... essa complementariedade **embora** os sociologistas... não é o sócio os sociólogos do direito não... os sociologistas... nao é? entre aspas... do direito... sendo mais radical:is então diriam não há de jeito nenhum complementariedade... (EF-RE-337:86)

Correlacionando a proposta de Moeschler e Spengler (1981, *apud* Rivas, 1989) com a de Dik (1989, 1991, 1997), é possível verificar a redução do primeiro estudo no que se refere ao fato de a concessão lógica (concessiva) se associar apenas a um discurso demonstrativo, baseado na prova, que se relaciona com fatos do mundo real. Não parece adequada a proposta de Moeschler e Spengler (1981), pois se verificou, nesta seção, que a construção concessiva não tem um uso tão reduzido visto que é um satélite com atuação tanto na predicação quanto entre atos de fala. Seguindo a proposta de Moeschler e Spengler, a construção concessiva atuaria apenas na predicação.

2.3 A ordenação dos constituintes

Um ponto relacionado à teoria de Dik importante para esse trabalho é a ordem linear dos constituintes na oração, uma vez que o satélite introduzido por *embora*, como veremos adiante, tem relativa liberdade de colocação na oração, podendo ocorrer antes, depois ou intercalado ao elemento a que se subordina. Os relatores *mas* e *embora*, por outro lado, têm posição fixa: o primeiro entre os dois *relata* e o segundo, antes do dependente.

Para Dik (1989), a ordem de constituintes serve como um dos meios pelos quais relações e funções da estrutura subjacente de orações podem ser formalmente expressas,

“formas e ordem juntas exercem a função de expressar as relações subjacentes relevantes, com o apoio adicional das diferenças do contorno prosódico” (Dik, 1989, p.334)²².

A ordem dos elementos não é uma propriedade “profunda” das línguas naturais, mas um mecanismo expressivo que pode ser usado para codificar relações subjacentes.

Dik apresenta vários princípios, mas são importantes para este estudo apenas três princípios gerais: o (GP9) Princípio da Complexidade Crescente, o (GP1) Princípio de Ordenação Icônica e o (GP7) Princípio da Relevância Pragmática, e um princípio específico, o SP3, que trata da ordem dos relatores.

O SP3 é importante pois indica que os relatores têm suas posições preferidas entre os tipos de *relata* ou na periferia de um *relatum* com o qual eles formam um constituinte. O relator *mas*, com é sabido, tem posição fixa entre os tipos de *relata*, o relator *embora* se posiciona sempre antes do dependente.

No tocante aos princípios gerais, o Princípio da Complexidade Crescente (GP9) mostra que há uma preferência de ordem dos constituintes de acordo com a complexidade, ou seja, termos mais complexos tendem a se posicionar mais à direita.

Por outro lado, a ordem dos constituintes pode estar relacionada com o conteúdo semântico da expressão em que eles aparecem, ou seja, a ordem das orações no texto poderá refletir a ordem dos eventos (Dik, 1989). Nesse caso atua o Princípio de Ordenação Icônica.

A posição pode ser alterada, entretanto, de acordo com o Princípio da Relevância Pragmática (GP7), segundo o qual os constituintes são colocados em posições especiais dependendo da função pragmática que eles exercem. Um satélite, por exemplo, poderá mudar de posição de acordo com a função pragmática por ele desempenhada, como veremos a seguir.

2.4 Função pragmática

Entende-se por função pragmática, segundo Dik (1989), aquela que especifica o *status* informacional dos constituintes envolvidos em determinados contextos comunicativos. O falante formula as expressões linguísticas com base na avaliação que faz da informação pragmática do ouvinte.

²² ...form and order together do the job of expressing the relevant underlying relations, with additional support from the prosodic contour differences... (Dik, 1989, p.334)



De acordo com Dik, uma expressão lingüística contém alguma informação dada e alguma informação nova, que servem de intermediárias entre falante e ouvinte. Os principais parâmetros das funções pragmáticas intra-oracionais são os de topicalidade e focalidade. A dimensão de topicalidade caracteriza algo sobre o qual se diz alguma coisa, e a dimensão de focalidade caracteriza a parte mais importante ou saliente que se diz sobre a coisa. Dik, ao apontar as funções pragmáticas intra-oracionais de Tópico e Foco, assinala que pode haver parcial sobreposição de elementos topicais e focais.

A função pragmática *Tópico* pode conter alguma informação dada (Tópico Dado) e alguma informação nova (Tópico Novo). Tópico Novo se refere à entidade apresentada pela primeira vez no discurso, depois de introduzida, será considerada Tópico Dado. Por exemplo, se for introduzida uma *festa* como um tópico, conforme (58),

(58) John deu uma festa na semana passada, mas a música estava horrível.²³

é possível verificar que *a música*, normalmente tocada em festa, pode ser um subtópico de festa. Uma vez que um tópico novo X tenha sido introduzido no discurso, é possível falar não apenas sobre X mas sobre outros subtópicos. Se se continuar a falar da festa, ela passa a ser o tópico dado.

A função pragmática *Foco* é a informação relativamente mais importante ou saliente em determinada situação comunicativa. A informação focal, diz respeito às mudanças que o falante deseja efetuar na função pragmática do destinatário.

(59) John e Bill vieram me ver. JOHN estava LEGAL, mas Bill estava muito CHATO.²⁴

No exemplo (59), John e Bill são o Tópico, já o Foco é constituído pelas palavras em destaque: LEGAL e CHATO.

Vale destacar que a atribuição de Foco a um constituinte se deve ou pela novidade de um referente, ou pela necessidade de se estabelecer contraste com alguma entidade presente ou não na situação de comunicação. Assim sendo, a função pragmática Foco se subdivide em Foco Novo (Completivo) e Foco Contrastivo. Este último ainda se subdivide em Paralelo e Contra-suposicional.

²³(58) John gave a party last week, but the music was awful. (Dik, 1989, 267)

²⁴(59) John and Bill came to see me. JOHN was NICE, but BILL was rather Boring (Dik, 1989, p.278).

Para o estudo é importante conceituar o Foco Contra-suposicional, uma vez que é a função pragmática desempenhada pelas construções com *mas*, como se verá adiante.

Este tipo de Foco sempre ocorre quando há uma pressuposição do falante em relação ao conhecimento pragmático do ouvinte e se subcategoriza em Substitutivo, Expansivo, Restritivo e Seletivo.

O Foco Substitutivo diz respeito à informação que é substituída uma vez que o falante pressupõe que o ouvinte possui uma parte da informação como incorreta. Como ocorre em (60):

(60) Ouvinte: João comprou café.

Falante: a) Não, ele não comprou CAFÉ, ele comprou ARROZ.

b) Não, ele comprou ARROZ, não CAFÉ.²⁵

O Foco Expansivo se relaciona com a informação que é acrescentada pelo fato de o falante pressupor que o ouvinte possui uma informação incompleta.

(61) Ouvinte: João comprou café.

Falante: a) João não só comprou CAFÉ, como também comprou ARROZ.

b) Sim, mas ele também comprou ARROZ²⁶.

O Foco Restritivo correlaciona-se com a informação restrita aos itens que o falante acredita serem corretos, uma vez que o falante pressupõe que o ouvinte possui uma porção da informação correta e outra incorreta. O falante corrige a informação pragmática do ouvinte como em (62):

(62) Ouvinte: João comprou café e arroz.

Falante: a) Não, ele não comprou ARROZ, ele só comprou CAFÉ.

b) Não, ele só comprou CAFÉ²⁷.

O Foco Seletivo é a informação selecionada entre algumas possibilidades, já que o falante pressupõe que o ouvinte acredita que a informação X ou Y está correta, mas não sabe qual.

²⁵ (60) Addresser: John bought coffee.

Speaker: a) No, he didn't buy COFFEE, he bought RICE

b) No, he bought RICE, not COFFEE (Dik, 1989, p.283).

²⁶ (61) A: John bought coffee.

S: a) John not only bought COFFEE, he also bought RICE.

b) Yes, but he also bought RICE. (Dik, idem, p.284)

²⁷ (62) A: John bought coffee and rice.

S: No, he didn't buy RICE, he only bought COFFEE. (Dik, idem)

(63) Ouvinte: Você gostaria de café ou chá?

Falante: CAFÉ, por favor.²⁸

É pertinente assinalar, ainda, outra função pragmática intra-oracional chamada de *Stager*, proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1999). Essa função pragmática tem como objetivo criar um cenário para que determinado estado de coisas ocorra. Ela não funciona como Tópico, nem como Foco, uma vez que dá as condições para um evento ocorrer, é, portanto a preparação para determinada informação.

Segundo Bolkestein (1999), certos satélites temporais, locativos e circunstanciais não possuem a função apenas de responder a uma questão implícita concernente à localização, ao tempo e às circunstâncias do estado de coisas, mas criam um cenário ou palco para esse estado de coisas e o une ao mencionado anteriormente.

Tais “Stagers” ou satélites “Setting”, em outras palavras, podem não conter o Foco principal na sentença, embora possam ser focais. Eles também não constituem nem mesmo o elemento particular em relação ao qual o Foco principal veicula a informação mais saliente (embora possam ser também topicais, ou relativos aos elementos mencionados no discurso precedente como Subtópicos. (Bolkestein, 1999, p.199)²⁹.

O que se verifica é que Dik (1989) privilegia o critério pragmático. Para ele, a mudança de posição dos constituintes pode ser determinada por um critério pragmático (função pragmática).

É importante verificar como estes princípios atuam ao determinar a escolha no modo de ordenação sequencial na organização textual, no que se refere às construções com *mas* com *embora*.

A teoria de Simon Dik (1989, 1997) sugere que as construções com *mas* e *embora* sejam diferentes, uma vez que pragmaticamente funcionam de modo distinto. Apesar de *embora* e *mas* serem relatores, este coordenador e aquele subordinador, são muito parecidos semanticamente.

O capítulo seguinte apresenta a metodologia utilizada bem como os fatores que podem influenciar no comportamento de *mas* e *embora*.

²⁸ (63) A: Would you like coffee or tea?

S: Coffee, please. (Dik, idem).

²⁹ Such ‘Stager’ or ‘Setting’ satellites, in other words, may not carry the main Focus in the sentence, although they may be focal. Nor do they constitute the particular element concerning which the main Focus conveys the most salient information (although they may very well be topical, or related to elements mentioned in the preceding discourse as subTopics. (Bolkestein, 1999, p.199)

CAPÍTULO III

CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS E METODOLOGIA DE TRABALHO

3.1 Constituição do corpus

A pesquisa se desenvolveu a partir da análise do corpus mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado, que é composto por 15 inquéritos produzidos nas cinco cidades (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre) pesquisadas pelo Projeto da Norma Urbana Culta (NURC). Os inquéritos são formados por entrevistas divididas, de acordo com as características peculiares, em Elocuções formais (EF), Diálogos entre dois informantes (D2) e Documentador e diálogos entre informantes (DID). Vale destacar que os informantes dos tipos de inquérito mencionados são falantes cultos, uma vez que todos têm escolaridade de nível superior.

3.2 Metodologia de trabalho

A trajetória da investigação iniciou-se com a tabulação das ocorrências em que apareciam os itens *mas* e *embora* e posterior seleção das ocorrências em que este itens são classificados como relatores. As ocorrências em que *mas* atuava como conector e constituinte extra-oracional (marcador conversacional) foram descartadas, por não fazerem parte do enfoque deste estudo. Prosseguiu-se à análise dos relatores a partir de alguns fatores previamente estabelecidos.

Para a análise de *mas* foram pertinentes quatro fatores:

- 1) Tipo de coordenação;
- 2) Relação envolvida entre os itens coordenados;
- 3) Mecanismo de contraposição.
- 4) Escopo (ponto de incidência) do segmento coordenado.

Segundo Dik (1997), a coordenação pode ser efetuada entre vários tipos de *relatum*. Objetivando verificar os tipos de *relata* que *mas* pode coordenar, propusemos o fator **tipo de coordenação** como primeira variável, o que nos possibilitará ainda verificar se há diferença de comportamento do coordenador *mas* ao ligar os diferentes *relata*. De acordo com Dik,

(1997), os tipos de *relata* são: termos, operadores, restritores, predicados, predicções, proposições e orações.

- (64) L2 ah::não tem ah toda a parte eh praticamente toda a parte jurídica do Estado é feita...não espera aí espera aí ((risos)) já estou exagerando não é toda a parte jurídica...do Estado...mas todos::...**mas** a grande parte jurídica do Estado...como a de...to/ todo o ser/ todo serviço de advocacia do Estado...é feita por procuradores do Estado... (D2-SP-360:809)
- (65) Inf entendeu mesmo João? quer dizer... independente de como... você... pensando por exemplo em termos de ética... como deveria ser... como a sociedade deveria ser... qual é o ideal: de um macrogrupo?... não não vamos pensar isso... porque então nós estamos... numa faixa diferente... não é mais a faixa da [ciência DO normativo]... **mas** [ciência normativa]... que é a ética ou como disse João... a própria dogmática jurídica... não é se enquadra... muito mais nesse tipo de... ciência (EF-RE-337:319)
- (66) L1 normalmente os sindi os sindicalizados quando procuram os advogados eles vêm eles vão tratar desse questão... às vezes... também... eles vão... tratar de uma questão... relacionada por exemplo com o problema de separação conjugal: nós sabemos por exemplo que o Brasil... recentemente adotou... o divórcio... [que até então era inexistente nesse país] **mas** [que já vinha sendo aplicado em larga escala... nos países... mais desenvolvidos... do globo terrestre]... (DID-RE-131:199)
- (67) Inf então para concluir eu vou... dar: a vocês transmitir a vocês uma citação... de Jean Carborier... essa citação... faz:... uma diferença entre... o que são mores... costumes... usos... hábitos sociais... e lei... ou fenômeno jurídico... lei aí tô confundindo... de propósito com o direito [não deveria] **mas** [estou confundindo]... (EF-RE-337:379)
- (68) Inf1 exatamente, em outros campos de aplicação de dinheiro, eu acho, todo o dinheiro que eu ganhar, eu primeiro aplicaria sempre em obra de arte, [eu adoro aplicar em obra de arte] **mas** [não tê-las], mas que eu pudesse apli...
Inf2 por falar nisso ganhei uma gravura do Adir hoje (D2-RJ-355:491)
- (69) Inf ele não manipulou aquela informação então aí é cognição, memória, evocação, é conhecimento mas pode ocorrer, e ocorre naturalmente, que o professor solicite diferentes processos mentais de seus alunos, então, [ele vai desejar] [que o aluno não fique apenas no nível de memorização], **mas** [que, uma vez armazenada esta informação], [ele utilize essa informação em outros, em outras situações] (EF-POA-278:88) -
- (70) L2 bom, [eu acho por exemplo, cebola, uma coisa imprescindível], **mas** [acho horrível o gosto puro da cebola em si], que(r) dize(r) aonde venha te(r), se acentua(r) o gosto da cebola; a mesma coisa aonde venha se acentua(r) o gosto do alho, então, essas coisas tem que se(r) muito bem dosadas (D2-POA-291:120)

Termos coordenados aparecem na ocorrência (64) quando há o contraste entre *toda* e *grande (parte jurídica)*. Em (65) são os operadores *ciência do normativo* e *ciência normativa*.

No exemplo (66), são coordenados os restritores verbais (*que até então era inexistente nesse país e que já vinha sendo aplicado em larga escala nos países mais desenvolvidos...*), os quais a gramática tradicional denomina de orações relativas ou adjetivas. (67) exemplifica a coordenação de predicados ([*não deveria*], *mas* [*estou confundindo*]). Além disso, há a coordenação de predicções em (68), em que *mas* contrasta *eu adoro aplicar em obra de arte e não tê-las*.

Em (69), *mas* coordena duas proposições *ele vai desejar que o aluno não fique apenas no nível de memorização e que, uma vez armazenada esta informação, ele utiliza essa informação em outras situações*. Já (70) apresenta *mas* coordenando duas orações *eu acho por exemplo, cebola, uma coisa imprescindível e acho horrível o gosto puro da cebola em si*, atuando nos atos de fala.

De acordo com Neves (1994), as construções de contraposição podem estabelecer diferentes relações semânticas. O fator, **relação envolvida**, foi aqui incluído a fim de se verificar se as seguintes relações com outros relatores ocorrem com o uso de *mas*: negação, restrição, oposição e expansão (ou diferença de grau, segundo Neves, 1984). Observando as ocorrências abaixo,

- (71) Inf2 porque isso que eu (es)to fazendo hoje aqui, que eu cheguei em casa, vi televisão e depois vim pra cá pra, pra conversar ou dessa maneira ou ir prum cinema ou prum teatro, ter uma vida cultural, aprender línguas, fazer qualquer coisa, logicamente eu gostaria de fazer, **mas** não posso porque eu tenho que complementar o meu salário com o dinheiro dum, dum cargo à noite (D2-RJ-355:367)
- (72) Inf Bloom, exatamente mesmo que seja só de nome a gente já ouviu falar nessa taxionomia, existe uma série de taxionomia de objetivos educacionais Nobile, Sanders Mulataba, **mas** ah nós vamos ficar com essa, como poderíamos ter ficado com qualquer outra e ao professor não há necessidade de que se preocupe em demasia com o uso ah estanque ou com o uso rigoroso de uma taxionomia (EF-POA-278:38)
- (73) Inf ele pode ficar ali, então, aí é adiante para se fazer uma síntese, o indivíduo tem que ter conhecimento, compreensão, análise e síntese ele não pode fazer uma síntese, sem fazer antes uma análise, então a aplicação entra ali, **mas** ela poderia ser colocada num momento final, porque ela é mais ou menos paralela, que(r) dize(r), ela não é exclusiva, ela podendo ultrapassar essa categoria, sem que a complexidade fique comprometida agora, as outras, sim, então... (EF-POA-278:244)
- (74) Loc muita gente ainda pode pensar que uma das (inaudível) existentes no Japão seja a da sua ausência de recursos de insumos claro, se acabar o fornecimento de insumos ao Japão, ele vai ter que se esforçar muito(.) ele vai conseguir **mas** vai ter que se esforçar muito pra voltar a ser o que era (EF-RJ-379:360)

constata-se que, em (71), a relação estabelecida é a de negação, pois [*mas não posso*] nega a oração anterior [*eu gostaria de fazer*], que significa ter uma vida cultural, aprender línguas. Em (72), *mas* estabelece uma relação de restrição entre [*existe uma série de taxionomia de objetivos educacionais*] e [*mas nós vamos ficar com essa*]. Já em (73), não há uma negação, nem restrição, mas somente oposição entre [*a aplicação entra ali*] e [*mas ela poderia ser colocada num momento final*]. Em (74), além de contrapor, *mas* instaura uma expansão no trecho [*ele vai conseguir mas vai ter que se esforçar muito*], afinal o Japão, para voltar aos velhos tempos, terá muito o que fazer.

Neves (1999) aponta a existência da polaridade ao se observar que o pensamento concessivo apresenta uma relação de incompatibilidade, de contraposição entre as porções subordinadas. Como o jogo da polaridade também é encontrado nas construções com *mas* que apresentam uma relação de oposição, contraste, é importante verificar quais mecanismos efetivamente estabelecem essas relações. O fator **mecanismos de contraposição** foi aqui incluído, objetivando verificar como a contraposição é marcada: pelo operador *não*, pelo léxico, por outros operadores (*como nunca, jamais*) ou pelo *dictum* (pelo que foi expresso entre os enunciados).

Como último fator, **escopo do segmento coordenado**, verificamos em que parte do *relatum* incide a contraposição: no *relatum* como um todo, em parte dele, ou no que está pressuposto.

O grupo de fatores levantados foram assim codificados:

1- Tipo de coordenação

t- termos;

o- operadores;

r- restritores;

d- predicados;

e- predicações;

p- proposições;

c- orações;

2- Relação envolvida

n- negação;

o- oposição;

r- restrição;

e- expansão;

3- Mecanismo que marca a contraposição

n- operador não;

l- léxico;

o- outros operadores de negação (sem, jamais);

d- contraposição pelo *dictum*;

4- Escopo do segmento coordenado

o- oração;

p- parte da oração;

s- pressuposto;

O relator subordinador *embora*, por outro lado, foi analisado de acordo com os seguintes fatores:

- 1) Nível do satélite;
- 2) Posição da construção concessiva;
- 3) Mecanismo que marca a contraposição.
- 4) Escopo da construção concessiva.

As construções com *embora*, como foi observado, constituem, de acordo com Dik (1989), satélites de uma estrutura oracional, sendo *embora* um relator subordinador, diferentemente de *mas*, que é um relator coordenador. Como relator subordinador, *embora* pode introduzir dois tipos de satélite: de nível 2 e de nível 4. No primeiro caso, atua na predicação, no segundo, na oração.

Objetivando verificar se há diferença de comportamento entre esses dois tipos de satélite, elegemos o fator **nível do satélite** como primeira variável. Os satélites concessivos, que exprimem um relação circunstancial, podem ser, de acordo com Dik, de nível 2, atuando na predicação, ou de nível 4, atuando na oração. As ocorrências abaixo exemplificam, respectivamente cada nível.

- (75) L1 mas::,,, trabalhava no albergue noturno...
 L2 ahn
 L1 eh como assistente social sabe? **embora** não::....
 L2 sei
 L1 não tivesse curso. (D2-SP-360:409)

- (57) eu acho importante bem importante mesmo... essa complementariedade **embora** os sociologistas não é o sócio os sociólogos do direito não... os sociologistas... não é? entre aspas do direito sendo mais radicais então diriam não há de jeito nenhum complementariedade...(EF-RE-337:86)

Considerando que os satélites, principalmente os de nível 2, têm relativa liberdade para ocorrer em várias posições na oração, incluímos o fator **posição**, que verifica a colocação deste constituinte na oração: antes, depois ou intercalado a ela.

As ocorrências abaixo apresentam, respectivamente, a anteposição, a intercalação e a posposição:

- (76) L1 então geralmente ele vai com um tio...que adó/ o Odécio que adora futebol [**embora** eles sejam de times contrários...]Jes...[cada um torce...
 L2 para o seu ((risos))
 L1 para o seu] e não há incompatibilidade. (D2-SP-360:1364)
- (47) Inf eu tenho quase certeza [**embora** não tenhamos a lista]... que vocês são... no total cinquenta e um... (EF-RE-337:8)
- (30) L1 [normalmente eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos] ..[**embora** eu::...ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro]...sei que de uma semana pra outra... (DID-RJ-328:35)

Os demais fatores, **mecanismo de contraposição e escopo da contraposição**, são aqui considerados pelas mesmas razões que o são para as construções com *mas*. É importante apontar que a análise de *embora* apresentou um mecanismo de contraposição a mais que diz respeito à contraposição temporal instaurada pelas palavras *futuramente* e *por enquanto* como apareceu na ocorrência a seguir:

- (78) L2 e realmente você conclui agora
 L1 ()
 L2 que foi o melhor
 L1 que foi melhor **embora** futuramente eu pretenda trabalhar eu quero continuar os estudos...e::e trabalhar fora mas por enquanto ainda não as crianças dependem muito de mim... (D2-SP-360:1147)

O grupo de fatores levantados na análise de *embora* foram assim codificados:



1- Nível do satélite

σ 2- predicação;

σ 4- oração;

2- Posição da construção concessiva

a- anteposta;

d- posposta;

i- intercalada;

3- Mecanismo que marca a contraposição

n- operador *não*;

l- léxico;

o- outros operadores de negação (*sem, jamais*);

d- contraposição pelo *dictum*;

t- contraposição temporal;

4- Escopo da construção concessiva

o- oração;

p- parte da oração;

s- pressuposto;

Tabulados os dados, foram submetidos ao tratamento estatístico, chamado Varbrul (Variable Rule Program), um pacote de programas idealizado para o estudo de fenômenos variáveis.

Foram feitas duas análises quantitativas, em observância ao comportamento de *mas* e posteriormente ao de *embora*.

Inicialmente, os dados são codificados e digitados, utilizando-se o editor de textos *QEDIT* (Quick Editor). A codificação apresenta, na primeira coluna, o tipo de *relata* coordenado, na análise de *mas* e o nível de atuação de *embora*, se na predicação ou na cláusula e os outros fatores seguindo a ordem acima apontada. Uma série com *mas* fica assim: r o l p, de acordo com a codificação adotada.

Em seguida são apresentados de maneira codificada os grupos de fatores no arquivo de especificações e submetidos à leitura do programa CHECKTOK, que rastreia qualquer tipo de

erro nas cadeias de codificações. O próximo programa é o READTOK que procede à leitura das codificações. Posteriormente é utilizado o MAKECELL que recodifica as ocorrências de acordo com as especificações apresentadas no arquivo de condições e calcula as porcentagens de aplicação de cada fator.

Vale ressaltar a importância estatística que tiveram os programas, usados tão-somente para indicar a exatidão dos cálculos, não para analisar variáveis, como faz uma análise sociolinguística.

Quantificados os dados, passa-se à fase seguinte de descrição e análise, enfoque do próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

O USO DAS CONSTRUÇÕES COM *MAS* E COM *EMBORA*

Este estudo pretende verificar, como já foi observado, se a diferença formal entre as construções com *mas* (*c-mas*) e com *embora* (*c-embora*) corresponde uma diferença pragmática. Sendo assim, este capítulo apresenta o resultado da análise dos dados, de acordo com os fatores analisados.

Vale ressaltar ainda que o estudo das *c-mas* e *c-embora* priorizou as ocorrências em que orações eram contrapostas devido ao número pouco significativo de contraposição de termos, predicados, predicações, no caso das *c-mas*, e de satélites simples, no caso de *c-embora*.

4.1 As construções com *mas* (*c-mas*)

O corpus analisado revela um total de 395 ocorrências de construções com *mas*, sendo 129 casos em que *mas* se apresenta como relator coordenador, 204, como conector e 62, como constituinte extra-oracional. Os dois últimos não foram aqui tratados.

4.1.1 Tipo de coordenação

Conforme foi declarado, este estudo se restringe às ocorrências de *mas* como coordenador, portanto nosso universo de investigação restringe-se a 129 ocorrências, que foram primeiramente distinguidas pelo tipo de *relata* coordenados. Os elementos ligados pelo coordenador *mas* podem ser: termos, operadores, restritores, predicados, predicações e proposições, como previamente descrito no capítulo 1.

Os resultados mostram que, em 81,4% (105) dos casos *mas* coordena orações. Há, no entanto, sete casos de coordenação de termos e seis de predicações, além de seis casos de predicados e cinco de restritores. Verifica-se, pelos dados, que a coordenação de operadores e de proposição por meio do coordenador *mas* é pouco produtiva, visto que ocorre uma única vez em cada um, correspondendo a 0,8%.



Tipo de coordenação		
	n	%
Orações	105	81,4
Termos	7	5,4
Predicados	6	4,7
Predicações	4	3,1
Proposições	1	0,8
Restritores	5	3,9
Operadores	1	0,8

Tabela 3 – Tipo de coordenação

4.1.2 Relação envolvida

Consoante ao exposto no capítulo anterior, as construções de contraposição podem apresentar diversificadas relações semânticas (Neves, 1984). Verificando-se a relação envolvida entre os tipos de *relata* coordenados, constatou-se que a oposição é a relação que prevalece, aparecendo em 53,5% das ocorrências, conforme a tabela 4:

Relação envolvida																
	c ¹⁷		t		d		e		p		r		o		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
n ¹⁸	19	18,1	1	14,3	3	50,0	1	25,0	0	0,0	0	0,0	1	100	25	19,4
o	64	61,0	0	0,0	2	33,3	1	25,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	69	53,5
r	11	10,5	5	71,4	1	16,7	1	25,0	0	0,0	2	40,0	0	0,0	20	15,5
e	11	10,5	1	14,3	0	0,0	1	25,0	1	100	1	20,0	0	0,0	15	11,6
Total	105	81,4	7	5,4	6	4,7	4	3,1	1	0,8	5	3,9	1	0,8	129	100

Tabela 4 – Relação envolvida entre os tipos de *relata* coordenados.

Em 19,4% das ocorrências a relação envolvida é a de negação, apenas 15,5% de restrição e 11,6% de expansão.

A oposição é a relação mais recorrente na coordenação de orações, e a restrição, na coordenação de termos, perfazendo, respectivamente, 61,0% e 71,4% das ocorrências. Já a relação negação prevaleceu entre predicados coordenados (50%) e apresentou valor significativo na coordenação de predicações e de orações (25% e 18,12% respectivamente).

¹⁷ As letras indicadas representam os tipos de *relata* coordenados: cláusulas (c), termos (t), predicados (d), predicação (e), proposição (p), restritores (r), operadores (o).

¹⁸ As relações envolvidas são: negação (n), oposição (o), restrição (r), expansão (e).

Nas ocorrências abaixo, podem-se verificar essas relações:

- (79) Inf é a segunda categoria então, o homem faz, está utilizando um processo mental, já de compreensão, quando ele utiliza a informação através de uma interpretação, através de uma tradução, sobre isso, aqui, até os autores que (ininteligível) eram Bloom, ainda fez (fizeram) uma subdivisão, [ela não é de maior importância] **mas** [vale a pena apenas para, a título de, de esclarecimento, de maior compreensão] (EF-POA-278:96)
- (80) L2 então, digamos um refogado de camarão, aonde vai a cebola, vai o alho, vai a pimenta, tu sente(s) a pimenta, o gosto da pimenta, dependendo do tipo de pimenta, [se põe uma pimenta malagueta, por exemplo, eu não gosto que pode evidentemente ultrapassa(r) assim o gosto da média, esta(r) muito marcante], **mas** [se usa(r) essa pimenta chamada pimenta da terra, então ela ao ponto, essa pimenta frita com as cebolas, é exatamente que quebra o tom de excesso de cebola] (D2-POA-291:126)
- (81) Inf eu classifiquei, mas eu, isso nao acontece quando se faz uma taxionomia então, vamos ver, vamos ajudando, [taxionomia é uma classificação] **mas** [é mais do que uma classificação], mais sistemática pode ser, como? é uma classificação ordenada, certo, seqüencial, hierarquizada, hierarquizada, certo, de acordo com certas relações, (EF-POA-278:28)
- (82) Inf [Bloom e outros colaboradores fizeram um, vários estudos que abrangeu a, as ah três áreas da personalidade, a área cognitiva, afetiva e psicomotora], **mas** [nesse exato momento, nós estamos apenas com a área cognitiva] está claro até aqui? o que é uma taxionomia, por que um professor deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la, (EF-POA-278:46)

A ocorrência (79) apresenta a relação de oposição, mais recorrente no corpus, entre as orações *ela não é de maior importância* e *vale a pena*. Em (80), *mas* estabelece uma relação de negação entre as orações [*se põe uma pimenta malagueta (...) eu não gosto que pode.*] e [*se usar essa pimenta chamada pimenta da terra (...) quebra o tom de excesso de cebola*]. Em (81), *mas* traz uma relação de expansão quando se diz que a *taxionomia é mais do que uma classificação*. E no exemplo (82), é evidente a restrição quando o falante disse *mas nesse exato momento nós estamos apenas com a área cognitiva*.

Como se vê, *mas* tem um amplo campo de atuação, podendo estabelecer diversas relações.

4.1.3 Mecanismo da contraposição

A contraposição, como foi dito, vem marcada por diversos tipos de mecanismos: pelo operador *não*, pelo léxico, por outros operadores (*como nunca, jamais*) ou pelo *dictum* (pelo

que foi expresso nos enunciados). A tabela 5 indica que o mecanismo mais utilizado (53,5%) para se assinalar a contraposição é pelo uso do operador *não*.

Mecanismo de contraposição																
	c		t		d		e		p		r		o		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
n ¹⁹	53	50,5	4	57,1	6	100	3	75,0	1	100	1	20,0	1	100	69	53,5
l	15	14,3	1	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	60,0	0	0,0	19	14,7
o	2	1,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	1,6
d	35	33,3	2	28,6	0	0,0	1	25,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	39	30,2
Total	105	81,4	7	5,4	6	4,7	4	3,1	1	0,8	5	3,9	1	0,8	129	100

Tabela 5- Mecanismos pelos quais se instaura a contraposição entre os tipos de *relata*.

A contraposição efetuada pelo *dictum* apresenta porcentagem significativa, 30,2% das ocorrências, e pode ser exemplificada abaixo:

- (83) Inf2 no fim somou mais um percentual de taxa de condomínio, mais não sei quê do gramado, mais não sei quê do mobiliário da entrada, mais não sei quê da iluminação e no fim eu paguei mesmo pra conseguir entrar no apartamento quase cem mil cruzeiros se eu não tivesse cem mil cruzeiros não entrava então pra receber as chaves do apartamento e aí começa, porque precisa pagar mais isso, porque tem mais aquilo, tem como botar uma grade porque [eles entregam o prédio] **mas** [sempre falta alguma coisa] e essas coisa vai entrando no dinheiro da gente e o resto que sobrou então a firma oferece o, é, um financiamento por uma dessas firmas (D2-RJ-355:116)

Observa-se em (83) que a contraposição se instaura pelo fato de a oração *eles entregam o prédio* deixar implícita a idéia de que o prédio deveria ser entregue completo, mas a oração seguinte mostra o contrário, que sempre falta alguma coisa.

A contraposição é determinada por palavras ou expressões lexicais principalmente nas ocorrências em que restritores são coordenados (60%), como no exemplo (84)

- (84) Doc vocês poderiam descrever um prato diferente com todos os detalhes?
L 2 bom, eu, não seria tanto assim que eu só acerto um prato requi, de de muito, muito sofisticado, um prato simples **mas** super delicioso é um camarão ah, com queijo, então esse camarão é refogado com cebola e põe junto a pimenta, frita(r) a cebola, exatamente pra da(r) o, um tom (D2-POA-291:108)

em que as palavras *simples* e *super delicioso* estabelecem a contraposição.

¹⁹ As letras n, l, o, d representam respectivamente os seguintes mecanismos: *não*, léxico, outro operador e contraposição pelo *dictum*

É importante verificar que todos os tipos de *relata* analisados apresentam ocorrências de contraposição por meio do operador *não*, apenas entre restritores a contraposição vem marcada preferencialmente por expressões lexicais.

Observando os mecanismos de contraposição entre as orações, percebe-se a predominância da contraposição estabelecida por meio do operador *não* (50,5% dos casos), seguida da contraposição pelo *dictum* 33,3%. Os exemplos (85) e (86) assinalam, respectivamente, esse dois mecanismos:

- (85) Inf pronto.. foi mais fácil ainda João do que a sua... resposta... não é? ele foi mais prático... vamos dizer assim... não é que você esteja incorreto de jeito nenhum **mas** é que ele foi ele resumiu... não é? ele foi bem rápido pronto... (EF-RE-337:310)
- (86) L1 sei que de uma semana pra outra...éh...ahn os legumes aumentam na na fei/ na feira...os preços aumentam as verduras...aumentam as frutas fruta é outra coisa que eu como muito também sabe?...eu gosto mais de laranja eu gosto de qualquer tipo de fruta **mas** como muito laranja chupo muito laranja tangerina... (DID-RJ-328:64)

4.1.4 Escopo da contraposição

O último fator observado é o *escopo da contraposição* que pode incidir na oração toda, em parte dela ou no pressuposto. Os resultados, indicados na tabela 6,

	c		t		d		e		P		r		o		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
p ²⁰	21	20,0	7	100	6	100	2	50,0	1	100	4	80,0	1	100	42	32,6
o	80	76,2	0	0,0	0	0,0	2	50,0	0	0,0	1	20,0	0	0,0	83	64,3
s	4	3,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	4	3,1
Total	105	81,4	7	5,4	6	4,7	4	3,1	1	0,8	5	3,9	1	0,8	129	100

Tabela 6- Ponto de incidência da contraposição

apontam um maior número de ocorrências (64,3%) em que o escopo recai sobre a oração toda e pouquíssimas ocorrências (3,1%) em que o pressuposto é escopado.

Os resultados mostram ainda, que, com exceção da coordenação de orações, os outros tipos de coordenação (de termos, predicados e operadores), como não configuram uma oração inteira, apresentam parte da oração como principal escopo.

²⁰ O escopo pode ocorrer em parte da oração (p), na oração toda (o) e no pressuposto (s).

Como o estudo priorizou a coordenação de orações, conforme dito no início do capítulo, é importante observar que o ponto de incidência recai, nestes casos, predominantemente, na oração como um todo (76,2%). As ocorrências (87), (73) e (88) mostram, respectivamente, os três tipos de escopo na coordenação de orações:

(87) L1 é são ambas estudiosas **mas**...elas ah essa daí não:...não tem ainda assim muita:...éh uma...um objetivo a atingir sabe? agora o menino gosta muito de mecânica o::de treze anos né? gosta muito de mecânica gosta muito de mexer com coisas...e::gosta mais da parte prática porque ele Vive no mundo da lua...sabe? (DID-SP-360:1805)

(73) Inf ele pode ficar ali, então, aí é adiante para se fazer uma síntese, o indivíduo tem que ter conhecimento, compreensão, análise e síntese ele não pode fazer uma síntese, sem fazer antes uma análise, então a aplicação entra ali, **mas** ela poderia ser colocada num momento final, porque ela é mais ou menos paralela, que(r) dize(r), ela não é exclusiva, ela podendo pa, ultrapassar essa categoria, sem que a complexidade fique comprometida agora, as outras, sim, então (EF-POA-278:244)

(88) Inf1 índice de correção monetária, é a solução para, é, corrigir a inflação no...a desvalorização do dinheiro em relação ao pagamento

Inf2 mas o que acontece é o seguinte, então só passou da mão do órgão para o governo **mas**

continua a mesma coisa porque o que acontece, mensalmente ou trimestralmente, né..

(D2-RJ-355:135)

Em (87) a contraposição incorre na oração [*são ambas estudiosas*], o que não acontece em (73) em que *ali* é escopado. Já na ocorrência (88), observa-se que a contraposição recai na pressuposição de que não deveria haver tantos juros, uma vez que o índice de correção monetária passou a ser controlado pelo governo.

4.2 As construções com *embora* (*c-embora*)

A análise quantitativa das *c-embora* apresenta um total de 19 ocorrências, sendo 17 com *embora* introduzindo um satélite oracional (89%) e apenas dois (11%) introduzindo termos. Os dois únicos casos de satélite-termo são:

(89) o café da manha geralmente eu tomo só café com leite...não como pão nem como biscoito nada disso que é pra evitar...justamente pra eu poder comer outras coisas que eu gosto mais durante o dia...e durante a noite eu faço também outra refeição...**embora**...com menos coisas que engordam...porque eu tenho uma vida assim...muito sedentária...eu faço pouco (DID-RJ-328:24)

(51) L2 o testosterona...ele inibe...

L1 inibe...exato...é o seguinte...é porque...a verdade é que tanto no sexo feminino quanto no masculino há sempre uma produção **significante** **embora** pequena mas de hormônio do sexo oposto...entendeu?... (EF-SSA-49:79)

Como se pode observar, esses dois satélites atuam na predicação; são, portanto, satélites de nível 2, apresentando diferenças no tocante aos outros fatores (posição, mecanismo de contraposição e escopo). Na ocorrência (89), o segmento concessivo vem posposto ao que é subordinado, sendo o operador *menos* o mecanismo de contraposição utilizado e a idéia pressuposta, a de que ela poderia comer algo calórico à noite, o ponto de incidência (escopo).

Na ocorrência (51), o segmento concessivo vem intercalado, a contraposição se faz por meio de léxico (*significante/pequena*) e o ponto de incidência foi parte da oração (*produção significativa*).

O número pouco significativo de satélites-termo nos induz, a partir de agora, a concentrar nossa atenção nos satélites oracionais, que totalizam 17 ocorrências.

4.2.1 Nível do satélite

As *c-embora*, conforme exposto no capítulo anterior, podem ser satélite de nível 2, que atua na predicação, ou satélite de nível 4, que atua na oração. Verificando o comportamento desses dois tipos de satélites, observou-se que, em nove (53%) das ocorrências de *c-embora* são satélite de nível dois (σ_2) e oito (47%) constituem satélites de nível quatro (σ_4). Constata-se, assim, que não há uma diferença significativa de porcentagem de *embora* como satélite σ_2 e σ_4 . As ocorrências (53) e (30) exemplificam cada caso.

(53) L1 eu evito comer os outros queijos...((risos)) **embora** goste muito...eu só faço essa extravagância assim...uma vez por semana...(DID-RJ-328:495)

(30) aqui em casa nós temos emprega::da...ela faz a feira junto com a minha tia e::normalmente eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos...**embora** eu::...ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro... (DID-RJ-328:35)

Para Dik (1989), a oração (ato de fala) é o nível mais alto da estrutura subjacente de oração, constando de uma proposição ampliada por operadores e satélites de nível quatro. Em (30), *embora* atua na oração, pois introduz o satélite [*ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro*] que amplia [*eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos*], já

em (53) introduz o satélite [*gostei muito*] que modifica a predicação [*eu só faço essa extravagância uma vez por semana*].

4.2.2 Posição do satélite oracional

Analisando a posição do satélite oracional, verifica-se, pela Tabela 7, que prevalece a posposição em 70,6% dos casos, havendo apenas três casos (17,6%) desse constituinte intercalado e dois (11,8%) antepostos à oração.

Posição do satélite oracional						
	σ2		σ4		Total	
	n	%	n	%	n	%
d ²¹	4	50,0	8	88,9	12	70,6
i	2	25,0	0	0,0	3	17,6
a	2	25,0	1	11,1	2	11,8
Total	8	100	9	100	17	100

Tabela 7 – Posição do satélite oracional com *embora*

Para Dik, os satélites de nível 2 indicam espaço, tempo e circunstância para a realização de um estado-de-coisas (EsCo) e apresentam relativa liberdade de colocação na oração. Se o satélite σ2 apenas localizar um EsCo de acordo com as dimensões mencionadas (espaço, tempo, circunstância), será então colocado no final da oração, mas se tiver uma função pragmática especial terá a sua posição modificada. Segundo Dik (1989) a posição natural para os satélites é a mais periférica, mas não é obrigatória. Eles podem ocorrer em outra posição devido a atuação de princípios de ordenação de constituintes, conforme será mais bem explicitado no próximo capítulo.

Nossos dados confirmam as afirmações de Dik, com relação à posição mais livre dos satélites σ2, já que estes ocorrem nas três posições, conforme se verifica em (76), em que está anteposto, em (54), intercalado e em (75), posposto.

- (76) L1 quer dizer que não se desloca a um campo de futebol para levar o menino então geralmente ele vai com um tio...que adó/ o Odécio que adora futebol **embora** eles sejam de times contrários...eles...cada um torce...
- L2 para o seu ((risos))
- L1 para o seu e não há incompatibilidade. (D2-SP-360:1364)

²¹ O satélite com *embora* pode vir depois (d), intercalado (i) ou antes (a) da oração nuclear.

(54) então isso faz com que... a pessoa... **embo:ra**... queira fugir da re:gra... não consiga... num é? (EF-RE-337:63)

(75) L1 mas::,,, trabalhava no albergue noturno...

L2 ahn

L1 eh como assistente social sabe? **embora** não::....

L2 sei

L1 não tivesse curso. (D2-SP-360:409)

Os dados contrariam, no entanto, a afirmação de Dik (1989) de que os satélites $\sigma 4$ tendem a ocorrer em posição inicial, uma vez que a maioria ocorre em posição final, conforme se verifica em (57).

(57) Inf eu acho importante bem importante mesmo... essa complementariedade **embora** os sociologis:tas... não é o sócio os sociólogos do direito não... os sociologistas... nao é? entre aspas... do direito... sendo mais radica:is então diriam não há de jeito nenhum complementariedade... (EF-RE-337:86)

4.2.3 Mecanismo de contraposição

Levando-se em conta que a contraposição é o significado básico estabelecido por uma construção concessiva, é importante observar como ocorre a contraposição, se pelo operador *não*, pelo léxico ou por outros mecanismos. Observa-se um número superior de casos marcados com *não* (47%) seguido pelos casos marcados com o léxico (29,4%). A tabela 8 ainda indica uma porcentagem bem menor (5,9%) de outros meios de marcação de contraposição, tais como: outros operadores de negação (*sem*, *menos*), oposição de operadores de tempo.

Mecanismo de contraposição						
	$\sigma 2$		$\sigma 4$		Total	
	n	%	n	%	n	%
n ²²	4	50,0	4	44,4	8	47,1
l	3	37,5	2	22,2	5	29,4
o	0	0,0	1	11,1	1	5,9
d	1	12,5	1	11,1	2	11,8
t	0	0,0	1	11,1	1	5,9
Total	8	100	9	100	17	100

Tabela 8- Mecanismo de contraposição entre o satélite oracional e o segmento subordinado.

²² As letras n, l, o, d, t representam respectivamente os seguintes mecanismos: *não*, léxico, outro operador, contraposição pelo *dictum* e pelo tempo.

Constata-se que ambos os satélites $\sigma 2$ e $\sigma 4$ apresentam comportamento semelhante quanto ao mecanismo de contraposição. A contraposição ocorre principalmente pelo *não*, tanto na oração (44,4%), quanto na predicação (50%). O outro mecanismo que apresenta número significativo é a contraposição pelo léxico, 37,5% dos casos de $\sigma 2$ e 22,2% dos casos de $\sigma 4$.

Exemplificam os mecanismos de contraposição na predicação ($\sigma 2$) as ocorrências (54) e (53):

(54) Inf mas aqui nos interessa... aqui: são justamente as regras jurídicas... pois bem então essas regras já estão aí... e elas já... possuem aquele aspecto que você está aprendendo na faculdade de direito... através da disciplina introdução... ela já contém num é? aquele aspecto formal... o chamado formalismo jurídico... que requer uma interpretação também... muito própria muito sua:... então isso faz com que... a pessoa... **embo:ra**... queira fugir da regra... não consiga... num é? por isso a sociologia do direito... essa tal de sociologia dois aqui... para mostrar que... há possibilidade dependendo... do grau de conhecimento... de um juiz:... de um advoga:do... de um ppromotor... (EF-RE-337:63)

(53) L1 eu evito comer os outros queijos...((risos)) **embora** goste muito...eu só faço essa extravagância assim...uma vez por semana... (DID-RJ-328:495)

Em (54) a contraposição entre *querer fugir* e *não conseguir* se dá pela presença de *não* na oração matriz, mas em (53) é o léxico que estabelece essa relação, pois há uma contrariedade quando se diz *embora goste muito, só faço essa extravagância uma vez por semana*.

A contraposição em satélites $\sigma 4$ pode ser examinada a partir do trechos abaixo:

(47) talvez eu tenha deixado algum grupo... de fora... contei também o número de estudantes... quarenta e um... e: eu tenho quase certeza **embora** não tenhamos a lista... que vocês: são... no total cinqüenta e um... quer dizer sempre tá faltando... não é? (EF-RE-337:8)

(55) L2 é precisa realmente estar convencido disso e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então desistimos...eu pelo menos desisti não se toca mais no assunto...mas realmente então está encerrado mas gostaríamos demais de mais filhos...**embora** eu fique quase biruta...((risos)) (D2-SP-360:90)

Em (47), *embora não tenhamos a lista* se contrapõe a *eu tenho quase certeza* principalmente pelo presença de *não* na oração matriz. O que não ocorre em (55), já que a oração concessiva se contrapõe à matriz devido ao léxico, pelas expressões *ficar quase biruta* e *gostar demais de mais filhos*.

4.2.4 Escopo da contraposição

No tocante ao fator **escopo da contraposição**, os dados mostram pouca diferença entre o número de ocorrências em que a contraposição incide na oração toda (47%) e em parte dela (41%) e apenas dois casos (11,8%) em que o pressuposto é escopado.

Escopo da contraposição						
	σ2		σ4		Total	
	n	%	n	%	n	%
p ²³	5	62,5	2	22,2	7	41,2
o	3	37,5	5	55,6	8	47,0
s	0	0,0	2	22,2	2	11,8
Total	8	100	9	100	17	100

Tabela 9- Ponto de incidência da contraposição

A ocorrência (56) exemplifica um satélite σ4 em que o pressuposto é o escopo, visto que o ponto de incidência é o que fica subentendido, ou seja, a idéia de que o falante pensa em uma possível melhora do Recife, apesar de ele achar que o Nordeste só cresce em termos absolutos.

- (56) L1 o problema de Recife é o problema de todo o Brasil...é um é uma é é uma comunidade EM desenvolvimento...de modo que tem todas a a...os percalços do do da fase de transição
- L2 é
- L1 mas com grandes com grandes esperanças no futuro próximo...embora seja lamentável a gente dizer a vocês
- L2 que não tem esperanças
- L1 não...embora **embora** seja lamentável a gente dizer a vocês o seguinte...de que o Nordeste só cresce em termos absolutos...em termos relativos fica cada vez mais distante do Sul...o Sul cresce cada vez mais aumentando a distância para conosco...nós crescemos em termos absolutos todo o Brasil cresce a gente tem que crescer também (D2-RE-05:195)

Nota-se, no entanto, que os satélites σ4 têm como ponto de incidência preferencialmente a oração toda, totalizando 55,6%. Os que atuam na predicação têm como ponto de incidência, principalmente, parte da oração (62,5%); em outras palavras, dependendo do nível, o ponto de incidência da contraposição muda.

²³ O escopo ocorre em parte da oração (p), na oração toda (o) e no pressuposto (s)

Analizadas as duas construções, passaremos à comparação dos resultados obtidos para cada uma, por meio de análise qualitativa, objetivando verificar a confirmação ou não de nossa hipótese inicial.

CAPÍTULO V

COMPARAÇÃO DAS *C-MAS* COM AS *C-EMBORA*

Considerando a perspectiva aqui adotada, a funcionalista, segundo a qual o falante molda as expressões lingüísticas de acordo com os objetivos que pretende alcançar com relação ao ouvinte; e observando que o português apresenta duas formas diferentes para estabelecer a relação de contraposição, resta-nos, portanto, investigar as razões pragmáticas que levam o falante a escolher entre uma das duas construções para indicar a relação de contraposição. Para isso estabelecer-se-á agora uma comparação entre os resultados obtidos da análise das *c-mas* e *c-embora*.

Não há dúvida, como já deve ter ficado claro, de que as duas construções apresentam estatuto sintático diferente. *Mas* une elementos funcionalmente equivalentes, ou seja, que apresentam a mesma função sintática, semântica e pragmática; estabelece, portanto, um processo de coordenação. *Embora*, por outro lado, desencadeia um processo de subordinação, uma vez que introduz uma construção encaixada. Deve-se ressaltar que tanto *mas* como *embora* são binários, ou seja, estabelecem relação apenas entre dois membros. No entanto, o primeiro atua em todos os níveis da oração (operadores, termos, restritores, predicados, predicações, proposições e orações), e o segundo atua em apenas dois níveis, o da predicação e o da oração.

Este estudo mostra que as *c-mas* contrapõem dois elementos, realçando de alguma forma o segundo, conforme afirma Garcia (1994) ao postular a lei da preferência, segundo a qual as orações adversativas são do tipo *figura*, por serem argumentativamente mais fortes.

Desse modo, pode-se dizer que as *c-mas* são de alguma forma focalizadas. Em outros termos, o relator *mas*, além de contrapor dois membros de uma relação de coordenação, ressalta o que lhe segue; é, na verdade, um focalizador.

Na perspectiva dikiana, o constituinte destacado ou realçado é denominado Foco, que, como vimos, pode ser apenas uma informação nova ou uma informação contrastada com outra, expressa ou subentendida. Esse contraste pode ocorrer para restringir, expandir, anular ou selecionar uma parte da informação contida na oração. A análise do fator relação de contraposição nas *c-mas* mostra justamente isto: essas construções são sempre focalizadas, ou seja, desempenham a função pragmática de Foco. Constituem, na verdade, uma mudança que

o falante deseja efetuar na informação pragmática do destinatário. Assim em (79), o falante instrui o ouvinte para selecionar a informação introduzida por *mas* em detrimento da anterior.

- (79) Inf é a segunda categoria então, o homem faz, está utilizando um processo mental, já de compreensão, quando ele utiliza a informação através de uma interpretação, através de uma tradução, sobre isso, aqui, até os autores que (ininteligível) eram Bloom, ainda fez (fizeram) uma subdivisão, [ela não é de maior importância] **mas** [vale a pena apenas para, a título de, de esclarecimento, de maior compreensão] (EF-POA-278:96)

Em (80), o falante diz para o destinatário substituir a primeira informação (*se põe uma pimenta malagueta pode ultrapassar o gosto da média*) pela segunda (*se usa(r) essa pimenta da terra, quebra o tom de excesso da cebola*).

- (80) L2 então, digamos um refogado de camarão, aonde vai a cebola, vai o alho, vai a pimenta, tu sente(s) a pimenta, o gosto da pimenta, dependendo do tipo de pimenta, [se põe uma pimenta malagueta, por exemplo, eu não gosto que pode evidentemente ultrapassa(r) assim o gosto da média, esta(r) muito marcante], **mas** [se usa(r) essa pimenta chamada pimenta da terra, então ela ao ponto, essa pimenta frita com as cebolas, é exatamente que quebra o tom de excesso de cebola] (D2-POA-291:126)

Já em (81), a intenção do falante é acrescentar uma outra informação (*é mais do que uma classificação*) à informação pragmática do ouvinte (*taxionomia é uma classificação*), enquanto em (82), sem dúvida, o falante instrui o destinatário para se restringir apenas à informação introduzida por *mas* (*nesse exato momento, nós estamos apenas com a área cognitiva*).

- (81) Inf eu classifiquei, mas eu, isso não acontece quando se faz uma taxionomia então, vamos ver, vamos ajudando, [taxionomia é uma classificação] **mas** [é mais do que uma classificação], mais sistemática pode ser, como? é uma classificação ordenada, certo, seqüencial, hierarquizada, hierarquizada, certo, de acordo com certas relações, (EF-POA-278:28)

- (82) Inf [Bloom e outros colaboradores fizeram um, vários estudos que abrangeu a, as ah três áreas da personalidade, a área cognitiva, afetiva e psicomotora], **mas** [nesse exato momento, nós estamos apenas com a área cognitiva] está claro até aqui? o que é uma taxionomia, por que um professor deve conhecer uma taxionomia e utilizá-la, (EF-POA-278:46)

Esse caráter de elemento focal das *c-mas* é que induz Garcia (1994) a postular que esta construção é do tipo *figura*, aquela que traz uma informação de relevo, o que significa que a orientação argumentativa associada à *c-mas* se relaciona com a força de sentido orientada para o receptor, não provém, entretanto, do conteúdo informativo.

É também essa propriedade que estabelece a posição fixa para as *c-mas*, diferentemente do que ocorre com as *c-embora*.

Em *c-mas*, o relator coordenador se posiciona entre os dois *relata* coordenados, de acordo com a atuação do Princípio de Ordenação dos Relatores (SP3), o qual indica que os relatores têm suas posições preferidas entre os tipos de *relata* ou na periferia de um *relatum* com o qual eles formam um constituinte. Para os relatores coordenadores, como *mas*, a ordem preferida é [*relatum*] *mas* [*relatum*], uma vez que este relator coordena segmentos de mesmo nível sintático, semântico e funcional, como se pode observar na ocorrência (90):

- (90) L1 ...porque eles são::...são cultos...eles não são incultos não...eles cantam os repentes deles fazendo referências culturais/ CLARO que eles não têm uma cultura filTRAdA nem cristalizada...**mas** tem um bom verniz de cultura é uma coisa curiosa...não é não é a poesia a poesia popular autêntica não quer dizer éh: éh:...se a gente considerar o povo como sendo inculto como sendo apenas apenas espontâneo. (D2-RE-05:239)

Embora, sendo um relator subordinador, com a função de ligar constituintes marcando uma relação de dependência, tem posição fixa em português: está sempre antes do dependente, conforme esquema [R [dependente]], como se verifica em (89) e (53).

- (89) [núcleo] [R [dependente]]
[outra refeição] [**embora** [com menos coisas que engordem]]

- (53) [R [dependente]] [núcleo]
[**embora** goste muito] [eu só faço essa extravagância...]

Quando *embora* introduz um constituinte oracional, coloca-se em P1 da oração encaixada, já que esta é a posição reservada para constituintes-P1 que incluem palavras interrogativas e relatores subordinadores, conforme Dik (1989). Assim, em (53), *embora* posiciona-se em P1, de acordo com o padrão P1 S V O X.

- (53) *embora* ϕ goste muito

P1 S V

Considerando, no entanto, o satélite introduzido por *embora*, verificamos que tem liberdade de colocação, podendo posicionar-se antes, depois ou intercalado à oração matriz (núcleo), como já mostrado no capítulo anterior (p.67).

De acordo com o esquema proposto por Dik (1989), P1 S V O X, a posição natural dos satélites é a final, representada por X, já que constituem uma informação adicional. Isso é confirmado pelos dados, visto que 70,6% das ocorrências, como já observado, colocam-se nesta posição. Essa colocação pode ser explicada por dois princípios de ordenação, propostos por Dik (idem): o Princípio de Ordenação Icônica (GP1) e o Princípio de Complexidade Crescente (GP9).

É possível dizer que as *c-embora* obedecem ao Princípio de Ordenação Icônica (GP1), segundo o qual a ordem dos constituintes está relacionada com o conteúdo semântico da expressão em que aparecem, ou seja, há uma ordenação lógica para a apresentação linear dos constituintes. Greenberg (1963, *apud* Dik, 1989) assinala que as orações condicionais devem vir antes da oração principal, já que a condição deve vir antes da consequência. As orações finais, por outro lado, vêm normalmente pospostas à oração principal, uma vez que a finalidade de uma ação pode ser realizada somente depois da ação que a acionou. As orações concessivas preferem a posposição, visto que parece ser natural que o falante primeiramente expresse a asserção e depois, a objeção, conforme se verifica em (57), em que a posição do falante (asserção) é colocada em primeiro lugar e depois a objeção.

- (57) Inf eu acho importante bem importante mesmo... essa complementariedade **embora** os sociologistas... não é o sócio os sociólogos do direito não... os sociologistas... nao é? entre aspas... do direito... sendo mais radical:is então diriam não há de jeito nenhum complementariedade... (EF-RE-337:86)

Além desse princípio, a posição natural das *c-embora* pode ser explicada ainda pelo Princípio da Complexidade Crescente (GP9), que mostra haver uma preferência de ordem dos constituintes de acordo com a complexidade, ou seja, termos mais complexos tendem a posicionar-se mais à direita. Como as construções com *embora* são satélites, na maioria das vezes constituintes oracionais, portanto mais complexos, preferem ser alocados em posição final, conforme mostra (30).

- (30) aqui em casa nós temos emprega:da...ela faz a feira junto com a minha tia e:: normalmente eu não tô muito assim por dentro dos preços dos alimentos...**embora** eu::...ouço a minha tia às vezes falar que tá tudo muito caro... (DID-RJ-328:35)

Deve-se ressaltar, no entanto, que os satélites $\sigma 4$, nos dados analisados, contrariam a afirmação de Dik, de que esse tipo de satélite tende a ocorrer em posição inicial. Como já observado, na maioria das ocorrências (88,9%), eles aparecem em posição final. Esse resultado indica que os satélites concessivos de nível 4, ou seja, os que modificam toda uma oração, apresentando uma objeção ao ato de fala, como em adendo, posicionam-se no final e não no início da oração. Nesse caso, o princípio atuante é sempre o Princípio de Ordenação Icônica.

Os satélites $\sigma 2$, por outro lado, comportam-se diferentemente, uma vez que podem ocorrer em três posições: inicial, final e intercalada. Essa maleabilidade dos satélites $\sigma 2$ pode ser explicada também de acordo com os princípios de ordenação propostos por Dik: são alocados em posição final motivados pelo Princípio de Ordenação Icônica ou pelo Princípio da Complexidade Crescente.

- (89) o café da manha geralmente eu tomo só café com leite...não como pão nem como biscoito nada disso que é pra evitar...justamente pra eu poder comer outras coisas que eu gosto mais durante o dia...e durante a noite eu faço também outra refeição...**embora**...com menos coisas que engordam...porque eu tenho uma vida assim...muito sedentária...eu faço pouco (DID-RJ-328:24)

- (75) L1 mas::,, trabalhava no albergue noturno...
L2 ahn
L1 eh como assistente social sabe? **embora** não::...
L2 sei
L1 não tivesse curso. (D2-SP-360:409)

Em (89), o satélite $\sigma 2$ *embora com menos coisas que engordam* se posiciona à direita devido ao Princípio da Complexidade Crescente, visto que este constituinte se mostra mais complexo, mesmo não sendo um satélite oracional. Em (75), a atuação do Princípio de Ordenação Icônica se deve ao fato de o falante primeiro fazer uma asserção (*trabalha no albergue noturno como assistente social*) para depois apresentar a objeção (*embora não tivesse curso*). Em outras palavras, o satélite é posposto de acordo com o conteúdo semântico de objeção que reflete essa ordem de eventos.

No entanto, essa ordem pode ser alterada se propósitos comunicativos assim o exigirem, como por exemplo, a necessidade de dar relevância à informação contida no satélite concessivo. Nesse caso, o princípio atuante é o Princípio da Relevância Pragmática (GP7).



De acordo com esse princípio, constituintes que desempenham determinada função pragmática podem ser colocados em posição diferente da posição “lógica” (natural). No tocante às *c-embora*, a anteposição e a intercalação podem ocorrer dependendo da função pragmática que exercem: Organizador de Cenário (Hannay, 1991 e Bolkestein, 1999) ou Foco (Dik, 1989), conforme explicitado anteriormente no capítulo 1 (p.47).

As ocorrências abaixo,

(76) L1 quer dizer que não se desloca a um campo de futebol para levar o menino então geralmente ele vai com um tio...que adó/ o Odécio que adora futebol **embora** eles sejam de times contrários...eles...cada um torce...

L2 para o seu ((risos))

L1 para o seu e não há incompatibilidade. (D2-SP-360:1364)

(54) Inf mas aqui nos interessa... aqui: são justamente as regras jurídicas... pois bem então essas regras já estão aí... e elas já... possuem aquele aspecto que você está aprendendo na faculdade de direito... através da disciplina introdução... ela já contém num é? aquele aspecto formal... o chamado formalismo jurídico... que requer uma interpretação também... muito própria muito sua:... então isso faz com que... a pessoa... **embo:ra**... queira fugir da regra... não consiga... num é? (EF-RE-337:63)

mostram que, em (76), a construção *embora eles sejam de times contrários*, anteposta, funciona como um Organizador de Cenário (*Stager*), ou seja, prepara o ouvinte por meio da contraposição para a informação posterior *não há incompatibilidade*. Já em (54), o falante salienta, por meio da intercalação do satélite, a informação *querer fugir da regra* expressa por ele. É, portanto, o Foco da oração.

Os dados apontam que as *c-embora* antepostas desempenham a função pragmática de Organizador de Cenário (Hannay, 1991 e Bolkestein 1999), já que nesses casos essas construções preparam o cenário para a oração seguinte, e as *c-embora* intercaladas tendem a manifestar a função pragmática Foco, justamente por apresentarem a informação mais saliente.

É interessante contrastar o que se coloca aqui com a proposta de Neves (2000) sobre a função pragmática exercida pelas construções com *embora*. Segundo a autora, quando o falante usa a construção com *embora* anteposta, para primeiro refutar uma possível objeção do interlocutor e depois asseverar sobre algo, faz com a *c-embora* carregue a informação mais conhecida no começo, desempenhando a função pragmática de tópico. Com a intercalação ocorre algo parecido devido a possibilidade de topicalização de determinados elementos. Já na posposição a construção com *embora* desempenha a função de focalizar, de salientar elementos da oração nuclear.

Seguindo a proposta de Hannay (1991), Bolkeinstein (1999) e Dik (1989), é possível objetar que, no exemplo (31), devido à anteposição, a *c-embora* desempenhe a função de tópico, visto que a informação concessiva anteposta não parece trazer o assunto principal do ato comunicativo, ou seja, não é “sobre o que se fala”. A *c-embora* anteposta prepara, monta o cenário para a informação subsequente.

(31) Muito **embora** todos, ou quase todos, os conceitos acima emitidos sejam admissíveis, impõe-se uma recolocação do problema.

No que se refere ao mecanismo de contraposição, observa-se, segundo gráfico abaixo, que o mecanismo mais utilizado para indicar a contraposição, tanto em *c-mas* como em *c-embora*, é o uso do operador *não*, respectivamente 50,5% e 47,1%.

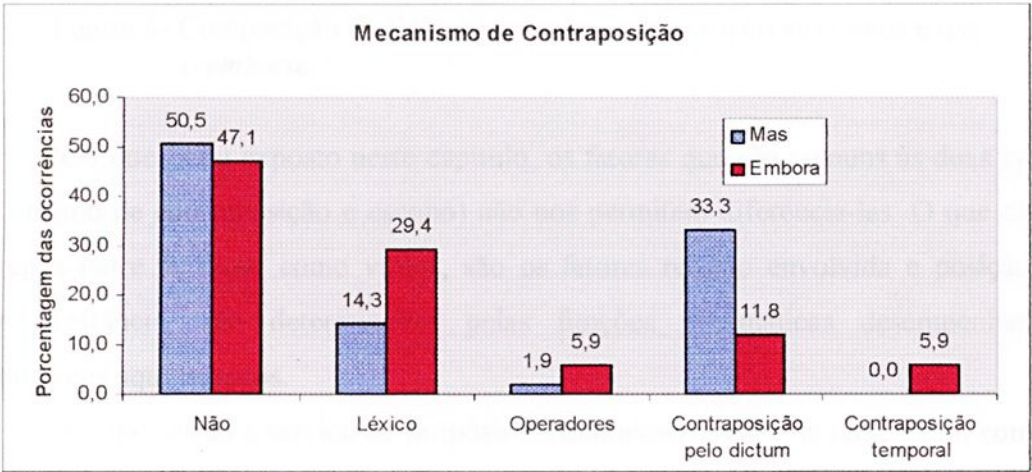


Figura 4 - Comparação do fator mecanismo de contraposição nas *c-mas* e nas *c-embora*.

As duas construções divergem na utilização de outros mecanismos, já que *c-mas* utiliza como segundo mecanismo de contraposição o *dictum* (33,3%), enquanto *c-embora* o faz por meio do léxico (29,4%). Pelos dados, observa-se que o mecanismo de contraposição não é fator relevante para diferenciar as duas construções, já que todos ocorrem nas duas, com exceção da contraposição temporal, variando apenas na frequência.

Quanto ao escopo, observa-se, pela figura 5, que os dois tipos de construção têm o mesmo desempenho, ou seja, tanto *c-mas* quanto *c-embora* fazem a contraposição incidir geralmente sobre a oração como um todo (76,2% e 47,1% respectivamente) e em segundo lugar, sobre parte da oração (20,0% e 41,2% respectivamente). As duas construções raramente

fazem a contraposição incidir sobre o pressuposto. Esse fator também parece não ser relevante na diferenciação entre *c-mas* e *c-embora*.

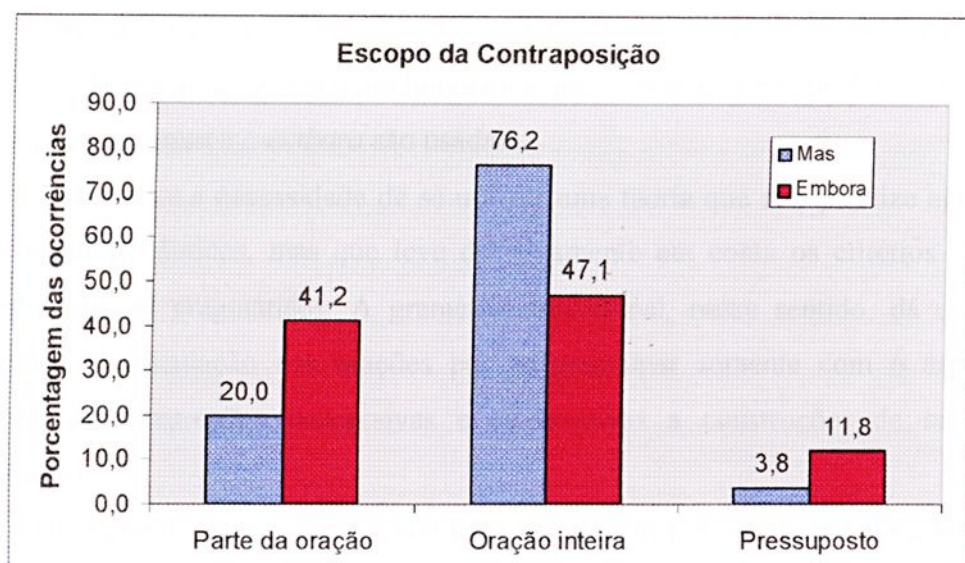


Figura 5- Comparação do fator *escopo da contraposição* nas *c-mas* e nas *c-embora*..

Pelo que ficou exposto neste capítulo, os fatores que são comuns às duas construções (mecanismo de contraposição e escopo) não nos permitem diferenciá-las. O que determina a diferença entre as duas, como vimos, são os fatores relação envolvida e posição que, em última instância, são determinadas pelas funções pragmáticas desempenhadas pelos constituintes aqui tratados.

As *c-mas* estão a serviço de propósitos comunicativos que se relacionam com a função de Foco, seja restritivo, expansivo, substitutivo ou seletivo, constituindo orações de *figura*, ou seja, orações que contribuem para o desenvolvimento discursivo, levam o discurso para a frente. Já as *c-embora* atendem as funções pragmáticas de Organizador de Cenário e de Foco, quando antepostas e intercaladas, constituindo construções de *fundo*, que servem de apoio, de base para o desenvolvimento do discurso, nos termos de Hopper e Thompson (1989). Essa orientação argumentativa está relacionada com a força que a construção traz: as *c-mas* trazem um conteúdo informativo mais forte e as *c-embora*, um conteúdo que é desautorizado pela oração núcleo.

Os resultados obtidos pelo levantamento e análise dos dados permitem-nos confirmar nossa hipótese de que fatores pragmáticos influenciam a escolha para estabelecer a contraposição; em outros termos, a forma das expressões linguísticas é determinada pelas condições reais de enunciação em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo geral apresentar uma visão ampliada sobre a articulação de orações, propondo uma descrição lingüística que se baseasse nos propósitos comunicativos com os quais as *c-mas* e *c-embora* são usadas.

Confirma-se a necessidade de se utilizar uma teoria que não priorize apenas critérios sintáticos ou semânticos, mas que leve decisivamente em conta os critérios semânticos e, especialmente, os pragmáticos. A gramática tradicional, nesse sentido, dá um tratamento inadequado à articulação das orações por se preocupar somente com o aspecto formal, reduzindo as construções concessivas e adversativas a construções de subordinação e coordenação.

Sendo assim, torna-se necessária uma abordagem funcionalista para a articulação das orações porque abrange as relações entre as orações e o discurso, considerando que o uso de certa expressão lingüística é determinado pelas condições reais de produção.

Para a gramática funcional há uma relação não arbitrária entre a estrutura da língua e as suas regularidades, explicadas a partir da maneira como os falantes se comunicam. As estruturas das expressões lingüísticas estão a serviço de algumas funções como a ideacional, interpessoal e textual, propostas por Halliday (1978), que dizem respeito ao modo e organização do discurso em determinado contexto (textual) conforme a experiência dos falantes (ideacional), bem como a interação entre eles (interpessoal). De acordo com o funcionalismo, as estruturas das expressões lingüísticas são configurações de funções, sendo que cada função tem uma significação na oração.

O que se verifica é que as construções com *mas* e *embora* podem ser descritas e explicadas como estruturas que têm seu uso condicionado por fatores pragmáticos. As construções ocorrem em função da intenção do falante, da sua informação pragmática e da função pragmática que ele supõe estar disponível ao ouvinte, conforme propõe Dik (1989).

O falante dispõe das *c-mas* e *c-embora* para exprimir no seu texto a relação de contraposição; entretanto ele opta por uma entre as duas formas possíveis, de acordo com sua intenção, confirmando a hipótese de que fatores pragmáticos têm papel fundamental no uso dessas formas.

A revisão bibliográfica mostra uma diversidade de abordagens do fenômeno em questão. Observa-se que vários estudiosos dão um enfoque semântico na comparação das

construções com *mas* e *embora*, como fizeram Cunha (1985), Bechara (1977) e Said Ali (1964). Outros, entretanto, conferem um enfoque textual ao estudo da articulação de orações, como o fazem, Halliday & Hasan (1976), ao afirmar que as relações conjuntivas envolvem diferentes significados e têm efeito coesivo.

Mira Mateus *et al.* (1989) diferenciam as construções, mostrando que *mas* faz parte de enunciados factuais (reais) e *embora* pode aparecer não só em enunciados factuais, como também em hipotéticos e contrafactuais (irreais).

Uma abordagem semântico-pragmática foi dada por Rivas (1989), ao comparar os enunciados concessivos com os condicionais e causais, diferenciando-os devido com base na relação implicativa, pressuposicional, mantida pelos concessivos. Para Parazuelos (1993), a noção de concessão aparece quando uma condição desprezada não influencia a relação do feito, explicando seu valor semicondicional e hipotético.

Alguns estudos funcionalistas, como o apresentado por Schifffrin (1987), procuram encontrar as relações de contraste no conteúdo semântico dos enunciados, e também no conhecimento cultural e interacional. Garcia (1994), avançando um pouco mais, diferencia as construções de acordo com a lei da preferência, considerando, desse modo, a pragmática, ou seja, a intenção do falante.

Este estudo, como já assinalado, tem a pretensão de mostrar que a escolha da forma é determinada por fatores pragmáticos

O aspecto relevante na caracterização das *c-mas* e das *c-embora* é a posição. O relator *mas* apresenta posição fixa entre os dois *relata*, que é a posição preferida desse tipo de relator, seguindo o esquema [relatum] *mas* [relatum], já o relator *embora* se posiciona sempre antes do dependente, seguindo o esquema [R [dependente]], de acordo com o princípio dos relatores SP3.

As *c-mas* apresentam sempre uma estrutura fixa, representada por [primeiro membro *mas* segundo membro], não permitindo qualquer alteração nessa ordem. Tal ordenação se justifica pela função pragmática de Foco, atribuída ao segundo membro da relação, que, por trazer um conteúdo informativo forte, é colocado em posição final, constituindo a porção *figura* na orientação argumentativa.

As construções com *embora*, por constituírem satélites, apresentam liberdade de ordenação, condicionada à atuação de determinados princípios. Geralmente atuam o Princípio de Ordenação Icônica e o Princípio da Complexidade Crescente, que levam tais constituintes para a posição final da oração. Essa ordem é subvertida quando atua mais fortemente o

Princípio de Relevância Pragmática, atendendo a propósitos comunicativos especiais relacionados com as funções pragmáticas de Organizador de Cenário (*Stager*) e Foco. No primeiro caso, os satélites se concessivos são colocados no início da oração, em P1, e no segundo caso são intercalados.

As *c-embora* oferecem três estratégias de contraposição: podem trazer uma informação adicional, organizar o “cenário” para a ocorrência do estado-de-coisas expresso na oração ou ressaltar uma informação considerada relevante pelo falante para a adequada interpretação do ouvinte. Todas essas estratégias oferecem, na verdade, ao falante um pano de fundo na organização discursiva. Sendo assim, as *c-embora* constituem sempre porção de *fundo* na orientação argumentativa.

É interessante observar que, apesar da grande maleabilidade das *c-embora*, por desempenhar várias funções pragmáticas, colocar-se em várias posições, tais construções são pouco produtivas, uma vez que, no mesmo corpus, foram encontradas 19 ocorrências de *c-embora* e 129 de *c-mas*, merecendo, portanto, uma investigação mais apurada.

Este estudo corrobora o postulado da Gramática Funcional de que a expressão linguística está a serviço da intenção do falante, da informação pragmática e da avaliação que o falante faz da interpretação do ouvinte.

Consideramos que esta pesquisa cumpre a tarefa a que se propôs de investigar as *c-mas* e as *c-embora*, observando não apenas aspectos sintáticos e semânticos, mas também pragmáticos. Mostra, assim, a pertinência da teoria funcional de Dik (1989) e ratifica a afirmação de Bakhtin (1994) de que a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, J.S. Conjunções anhomólogas ou dissimilares. In: ____ *Grammática Filosófica da Língua Portuguesa* 7e. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1881. p.243-53.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Cursos de 1º e 2º graus. São Paulo: Nacional, 1977.
- BOLKESTEIN, A.M. What to do with Topic and Focus? Evaluating pragmatic information. In: HANNAY, M. & BOLKESTEIN, A.M. *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1999.
- CARONE F. de. *Subordinação e Coordenação Confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1991.
- CUCOLO, G.R. *Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração*. São José do Rio Preto, 2002. 69f. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho.
- CUNHA, C.F. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. Term Coordination. In: _____. *Studies in Functional Grammar*. New York: Academic Press, 1980, p. 191-208.
- _____. *The theory of functional grammar*. Pt. I: The structure of the clause. Dordrecht. Holland / Providence RI - USA: Foris Publication, 1989.
- _____. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. 2e. New York: Mouton de Gruyter, 1997.



_____ *et al.* The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Eds.). *Layers and levels of representation in language theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p.25-70.

GARCIA, A.L. Las expresiones adversativas. In: ____ *Gramática del Español. La oración compuesta*. Madrid: Arcos, 1994. p.339-55.

_____ Las expresiones concesivas. In: ____ *Gramática del Español. La oración compuesta*. Madrid: Arcos, 1994. p.166-77.

GARCIA, O.M. *Comunicação em prosa moderna*. 2e. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1969.

HALLIDAY, M.A.K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v.1. São Paulo: Global, 1978. p.125-161.

_____ & HASAN, R. Conjunction. In: ____ *Cohesion in English*. London: Longman, 1976. p.226-57.

HANNAY, M. Pragmatic function assignment and word order variation in a functional grammar of English. *Journal of Pragmatics*. Amsterdam: North-Holland. 16, p.131-55. 1991

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. Baltimore. 56, n.2, p.251-99. 1980.

KOCH, I.V *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LIMA, H.R.V. Uma abordagem teórica da concessão. *D.E.L.T.A.* São Paulo, 3, nº2, p.139-61, 1987.

MATEUS, M. H. M. *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 2e. Lisboa: Almedina, 1989.

NEVES, M.H.M. O coordenador interfrasal *mas* - invariância e variantes. *ALFA - Revista de Lingüística*. São Paulo, 28, p.21-43, 1984.

_____ O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do Português. *ALFA - Revista de Lingüística*. São Paulo, 29, 1985.

_____ Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA - Revista de Lingüística*. São Paulo, 38: O funcionalismo em lingüística. p.109-28, 1994.

_____ *Hipotaxe e Parataxe* – Reflexões iniciais. mimeo. 1996 *

_____ *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ As construções concessivas. In: ____ (Org.) *Gramática do Português Falado*. v. 8: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/ Campinas: Ed. da Unicamp, 1999. p.545-91.

_____ *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp. 2000.

PARAZUELOS, M.H.C. “Bipolares” ao servicio de la ‘concesividad’: Causales, condicionales y adversativas. *Verba*. 20, p.221-254. 1993.

PEZATTI, E. G. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. *ALFA - Revista de Lingüística*. São Paulo, 38, p. 37-56, 1994.

RIVAS, E. Observaciones sobre las concessivas. Su comparación con las condicionales y las adversativas. *Verba*, n 16, p.237-255, 1989.

RODRIGUES, A. Os níveis de atuação do *mas* no discurso. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 28, p.37-44, 1995.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.



SCHIFFRIN, D. Discourse connectives: and, but, or. In: ____ *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987. p.152-77

SOUZA E SILVA, M.C.P & KOCH, I.V. *Linguística aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez. 1989.

ZAMPRONEO S. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. Araraquara, 1998. Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.



